



**Inventário dos Jardins de valor
histórico da cidade de Jahu**



**Giovanna Carraro Maia Machado
Prof.^a Dr.^a Marta Enokibara**

Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Curso de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho Final de Graduação

**INVENTÁRIO DOS JARDINS DE VALOR HISTÓRICO DA
CIDADE DE JAHU**

Candidata: Giovanna Carraro Maia Machado

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marta Enokibara

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Norma R. T. Constantino

Bauru
Novembro 2009

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, pelo companheirismo e compreensão.

Aos meus pais, pela força.

A minha orientadora, pela paciência.

E a DEUS!

SUMÁRIO

Apresentação da orientadora	008
Introdução	013
1. Revisão Bibliográfica	016
1.1. A importância dos Jardins Históricos: revitalização conservação e tombamento ..	016
1.2. Jardins Históricos Tombados no Brasil	017
1.3. Legislação existente referente ao tombamento dos Jardins Históricos	019
1.4. Material existente para Inventariamento de Jardins Históricos	021
1.4.1. Federal – Manual de Intervenção em Jardins Históricos - IPHAN	021
1.4.2. Estadual – Ordem de Serviço - CONDEPHAAT	022
1.4.3. Municipal - Lei Municipal da Cidade de Jahu Nº 2.013, de 14 de fevereiro de 1980	022
1.4.4. Internacional - Ficha integral de inventariamento e registro para Paisagens Culturais – ICOMOS	023
1.5. Os Jardins do Oeste Paulista	023
2. Cidade de Jahu	029
2.1. Os Fundadores	029
2.2. A Formação	030
2.3. O Traçado Urbano Inicial	034
2.4. Ferrovia	037
2.5. As Praças	038
2.5.1. Praça Barão do Rio Branco	041
2.5.2. Praça Siqueira Campos.....	046
2.5.3. Praça Largo da Matriz	052
2.5.4. Praça da República	056
2.5.5. Parque Jorge Tibiriçá	062

3. Primeira avaliação sobre a importância histórica das praças de Jahu e as praças localizadas no patrimônio original	065
4. Justificativa da praça escolhida para inventário: Praça da República	068
4.1. Diversidade de usos da praça no decorrer da história	068
4.2. APO – Avaliação Pós-Ocupação da Praça da República	071
5. Subsídios para o inventário da Praça da República	077
5.1. Inventário baseado no Manual de invenção em Jardins Históricos (IPHAN)	077
5.1.1. Itens necessários para o levantamento	077
5.1.2. O levantamento	078
5.2. Inventário baseado na Ficha integral de inventariamento e registro para Paisagens Culturais (ICOMOS – IFLA)	087
5.2.1. Itens necessários para o levantamento	087
5.2.2. O levantamento	090
6. Considerações para a revitalização da Praça da República baseado na pesquisa realizada	098
7. Lista de figuras por capítulo	106
8. Referência Bibliográfica	111
ANEXOS	
1. Resumo das Atividades Desenvolvidas	115
2. Detalhamento das atividades desenvolvidas	116
2.1. Relatório do 1º Levantamento	116
2.2. Relatório do 2º Levantamento	117
2.3. Relatório do 3º Levantamento	118

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de realizar o levantamento e pesquisa sobre os jardins de valor histórico na cidade de Jaú (SP), visando dar subsídios para a elaboração do inventário, revitalização e proposta de proteção como patrimônio cultural. O estudo de caso adotado é a Praça da República tendo como subsídio as fichas de inventário disponíveis no Brasil a nível federal, estadual e municipal, bem como a recomendada pelo *International Council on Monuments and Sites (ICOMOS)*.

Palavras chaves:

Jaú, praças e jardins do oeste paulista, inventário de jardins históricos.

APRESENTAÇÃO DA ORIENTADORA

No período de 2006-2008 orientei 4 bolsistas de iniciação científica inseridos no sub-tema 3 denominado “*Saberes teóricos e técnicos na configuração e re-configuração das cidades formadas com a abertura de zonas pioneiras no Oeste do Estado de São Paulo*”, do Projeto Temático FAPESP intitulado “*Saberes eruditos e técnicos na configuração e re-configuração do espaço urbano. Estado de São Paulo, séculos XIX e XX*”¹. Os bolsistas e suas respectivas pesquisas foram: Giovanna Carraro Maia Machado, com a pesquisa “*Praças e Jardins do Oeste Paulista. A configuração e re-configuração do espaço público com a introdução da ferrovia: ramal da Alta Paulista*”; Aline Silva Santos, com a pesquisa “*Praças e Jardins do Oeste Paulista. A configuração e re-configuração do espaço público com a introdução da ferrovia: ramal da Alta Araraquarense*”; Rafael Tadeu Simabuko, com a pesquisa “*Praças e Jardins do Oeste Paulista. A configuração e re-configuração do espaço público com a introdução da ferrovia: ramal da Alta Sorocabana*” e Ana Beatriz Gasparotto, com a pesquisa “*Praças e Jardins do Oeste Paulista. A configuração e re-configuração do espaço público com a introdução da ferrovia: linha Noroeste*”.

Das 16 cidades estudadas², foram encontradas 33 praças que estavam inseridas na área do patrimônio (núcleo urbano original). O que se pode apreender com o resultado desta pesquisa é que o oeste do estado de São Paulo é possuidor de um patrimônio

¹ O Projeto Temático FAPESP supracitado tem a coordenação geral da Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani do Departamento de História da Unicamp e envolve 4 instituições de ensino: Unicamp, Unesp-Bauru, Puccamp e o IUAV-Veneza. Os professores da Unesp-Bauru responsáveis pelo sub-tema 3 são: Prof. Dr. Adalberto da Silva Retto Junior (coordenador equipe Unesp-Bauru), Profa. Dra. Marta Enokibara, Profa. Dra. Norma Regina Truppel Constantino e Prof. Dr. Célio Losnak. Cada professor é responsável por um tema de estudo nas cidades escolhidas em comum ao longo dos 4 ramais ferroviários que ensejaram a ocupação do Oeste Paulista, a saber: Alta Paulista, Alta Sorocabana, Alta Araraquarense e linha Noroeste.

² Estão sendo concluídos os estudos de mais 13 cidades, com bolsas de iniciação científica FAPESP (2008-2009) sob minha orientação e dando continuidade ao mesmo tema, a saber: Rafael Tadeu Simabuko, com a pesquisa “*Praças e Jardins do Oeste Paulista. A configuração e re-configuração do espaço público com a introdução da ferrovia: ramal da Alta Sorocabana*”; Juliana Diehl, com a pesquisa “*Praças e Jardins do Oeste Paulista. A configuração e re-configuração do espaço público com a introdução da ferrovia: ramal da Alta Paulista*” e João Felipe Lança, com a pesquisa “*Praças e Jardins do Oeste Paulista. A configuração e re-configuração do espaço público com a introdução da ferrovia: ramal da Alta Araraquarense*”.

paisagístico que surpreende pela singularidade. Esta singularidade é revelada por alguns pontos. A maioria das praças possui um formato regular correspondente à quadrícula do tecido urbano em que estão inseridas e um desenho simétrico geralmente composto por linhas radiais em direção ao centro da praça que irá possuir uma fonte, um chafariz ou um coreto. Este último, um equipamento marcante e característico das praças do oeste paulista. Em torno da praça central, geralmente estão concentrados edifícios significativos como a Igreja Matriz (quando não ocupa a porção central da praça), hotéis, bancos, Câmara e Prefeitura Municipal, Fórum, Grupo Escolar e o cinema. O entorno da praça, com sua arquitetura geralmente eclética, compõe o conjunto e dá unidade ao mesmo. O cenário é completado, também, pela vegetação disciplinada pela técnica da “topiaria”³.

A vegetação arbórea não pôde ser completamente identificada, mas pode-se perceber a utilização de algumas plantas ornamentais como buchinhos, cicas, palmeiras, coníferas e agaves. Este repertório vegetal arbóreo foi justamente o que investigou outra bolsista sob minha orientação - Bruna Panigassi Zechinato (Iniciação Científica FAPESP 2007 - 2008), com a pesquisa “*O Instituto Agrônomo do Estado e o repertório vegetal nas cidades do Oeste Paulista no início do século XX*”; visando verificar quais espécies foram distribuídas pelo Instituto Agrônomo do Estado (atual Instituto Agrônomo de Campinas) para atender às solicitações de mudas das Prefeituras e Câmaras Municipais do interior paulista, bem como de outras instituições públicas. A pesquisa de Bruna conseguiu elencar todas as espécies solicitadas (arbóreas, arbustivas e algumas de fins agrícolas) no período de 1909 a 1912 e verificar, a partir da escolha de algumas cidades que solicitaram mudas, se

³ O conjunto das pesquisas desenvolvidas e orientadas pelos professores da Unesp-Bauru responsáveis pelo sub-tema 3 do Projeto Temático FAPESP no período de 2006-2007 foi apresentado no X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Mais informações ver: RETTO JR, Adalberto da Silva; ENOKIBARA, Marta; CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. *Saberes técnicos e teóricos na configuração e re-configuração das cidades formadas com a abertura de zonas pioneiras no oeste do estado de São Paulo*. Sessão Temática. In: Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Recife: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2008, p. 1-23. ISBN: 9788598747071. Um texto mais específico abordando a singularidade do repertório paisagístico no oeste paulista foi apresentado em: ENOKIBARA, Marta. *Plazas y Jardines del Oeste Paulista: un patrimonio a ser preservado en Brasil*. In: *Anales del IX Congreso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico*. Sevilla: Centro Internacional para la Conservación del Patrimonio, 2008, p. 227-232.

estas realmente foram empregadas e de que forma foram empregadas no espaço público (no caso as arbóreas). As cidades de **Jauú e Jaboticabal** (as duas cidades do oeste paulista e que mais solicitaram mudas), de fato empregaram as mudas arbóreas solicitadas ao Instituto Agrônômico na arborização de logradouros públicos (ruas e praças principalmente). Nestas se sobressaem, pelo número de solicitações, o Alfeneiro do Japão (*Ligustrum japonicum*), o Cipreste (*Cupressus sempervirens* L.), as Magnólias (*Michelia champaca*) e as palmeiras Cariota (*Caryota mitis*) e destacadamente a Palmeira Imperial (*Roystonea oleraceae*). Todas estas mudas também estavam sendo comercializadas por firmas particulares, como foi o caso da firma Dierberger & Cia, que foi a responsável pela aclimatação, reprodução e comercialização de várias espécies vegetais, bem como a elaboração de diversos projetos paisagísticos, que ficaram a cargo do paisagista Reynaldo Dierberger. Encontramos projetos de Reynaldo Dierberger em algumas das cidades do oeste paulista, como em Penápolis (pesquisa sobre a linha Noroeste) e em Jaboticabal (pesquisa sobre o IAE)⁴.

Neste ponto podemos entender a segunda pesquisa de iniciação científica que orientei Giovanna Carraro Maia Machado que versa sobre a firma **Dierberger Architectura Paisagística Ltda**⁵ e que dá continuidade aos “Ensaio de Catalogação”⁶ adotados como

⁴ A discussão sobre as instituições públicas e privadas que propiciaram a configuração e reconfiguração do espaço público do Oeste Paulista no período republicano foram discutidas em: ENOKIBARA, Marta. Gardens and Squares in the West of the State of São Paulo: The role of the technical and institutional devices of the Republicans in the shaping and reshaping of the public spatial arrangement, in Thematic Table intituled "Technical and scientific knowledge in the formation and development of urban spaces - state of São Paulo: 19th and 20th centuries". In: *13th International Planning History Society. Public Versus Private Planning: Themes, Trends and Tensions*. Chicago: Erin Cunningham & Charlotte Winters, 2008, p.59-60.

Uma análise sobre o repertório vegetal e paisagístico empregado nas praças e jardins do Oeste Paulista com a capital do estado de São Paulo e um paralelo com o cenário internacional, bem como os tratados de jardins, profissionais, instituições e firmas que circulavam no período Republicano foram apresentadas em ENOKIBARA, Marta. Praças e Jardins do Oeste Paulista. A formação e transformação do espaço público com a introdução da ferrovia. In: *2º Congresso Internacional de História Urbana. Da construção do território ao planejamento das cidades: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas (1850-1930)*. Sessão Temática 1 – O território: conhecimento e organização. Campinas: PUCCAMP, 2009.

⁵ Pesquisa de Iniciação Científica FAPESP “Dierberger Architectura Paisagística Ltda. – Ensaio de Catalogação”. Período 2008-2009. Orientação: Profa. Dra. Marta Enokibara

⁶ O primeiro “Ensaio de Catalogação” feito no sub-tema 3, foi o realizado sobre o engenheiro Victor da Silva Freire, sob orientação do Prof. Dr. Adalberto da Silva Retto Junior.

estratégia de pesquisa pelo sub-tema 3, equipe Unesp-Bauru, ou seja, verificar, a partir do material levantado, possíveis “chaves de leitura”. O material levantado foi aquele inventariado e catalogado no arquivo da Família Dierberger, onde Giovanna me auxiliou no período de 2006 - 2008.

Esta explicação inicial foi necessária para entender a presente pesquisa desenvolvida por Giovanna como seu Trabalho Final de Graduação denominada *“Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu”*, tendo como estudo de caso a Praça da República. A cidade de Jahu foi escolhida pela aluna por ser uma das importantes cidades do oeste Paulista do ciclo cafeeiro do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX; ter sido uma das cidades que recebeu um repertório vegetal difundido pelo Instituto Agrônomo do Estado na primeira década do século XX; e por ter atualmente um importante conjunto arquitetônico e paisagístico ainda preservado como testemunho desta época. Soma-se a isso, também, o fato da aluna residir nesta cidade. É importante frisar, que o objetivo do trabalho não é a realização do inventário dos jardins de valor histórico de Jahu, mas, como bem expresso no Resumo do Trabalho, dar “subsídios para o inventário, revitalização e proposta de proteção como patrimônio cultural”. Neste sentido, toma como apoio as Fichas de Inventário disponíveis a nível Federal, Estadual e Municipal quanto a jardins históricos no Brasil, além da ficha recomendada pelo ICOMOS-IFLA; completa as fichas até aonde é possível (há dados, como se verá, que não compete somente ao arquiteto, há a necessidade de uma equipe multidisciplinar) e finaliza com “considerações para a revitalização da Praça da República baseado na pesquisa realizada”.

Creio que este trabalho pode ser entendido como um “início” para futuras discussões e ações concretas de preservação de algumas das “Praças e Jardins do Oeste Paulista”, pesquisa mais ampla que vem sendo desenvolvida no Projeto Temático FAPESP, como já expresso, e na qual Giovanna colaborou durante sua graduação com as pesquisas que desenvolveu.

Profa. Dra. Marta Enokibara
Bauru, novembro de 2009.



INTRODUÇÃO

A escolha da cidade de Jahu para o inventariamento de seus jardins de valor histórico ocorreu pela riqueza de informações referentes à sua história, assim como por sua importância no contexto histórico da expansão cafeeira no Oeste Paulista, juntamente com a estrada de ferro.

As pesquisas de iniciação científica realizadas no período de 2006 – 2007⁷ intituladas “*Praças e Jardins do Oeste Paulista. A configuração e re-configuração do espaço público com a introdução da ferrovia*”, nos ramais da Alta Paulista, Araraquarense, Sorocabana e Noroeste, inseridas no sub-tema 3 denominado “*Saberes teóricos e técnicos na configuração e re-configuração das cidades formadas com a abertura de zonas pioneiras no Oeste do Estado de São Paulo*”, do Projeto Temático FAPESP intitulado “*Saberes eruditos e técnicos na configuração e re-configuração do espaço urbano. Estado de São Paulo, séculos XIX e XX*”, demonstraram que no caso das 16 cidades estudadas nos ramais, o processo de desenvolvimento urbano iniciou-se com a chegada da ferrovia e, concomitantemente, as transformações nas praças da cidade.

No caso do município de Jahu não foi diferente, entre meados do século XIX até o início do século XX, a então denominada “Vila Jahu”, se desenvolveu e se consolidou no interior do estado de São Paulo como grande produtora e exportadora de café. O período “áureo” de Jahu ficou registrado em seus edifícios e praças, sendo esses espaços livres o enfoque principal deste trabalho.

⁷ Pesquisas de iniciação científica sob orientação da Profa. Dra. Marta Enokibara, período: 2006-2007 e vinculadas ao sub-tema 3 denominado “Saberes técnicos e teóricos na configuração e reconfiguração das cidades formadas com a abertura de zonas pioneiras no Oeste do estado de São Paulo”, sob responsabilidade da equipe de professores da Unesp-Bauru e vinculada ao Projeto Temático FAPESP “Saberes eruditos e técnicos na configuração e reconfiguração do espaço urbano. Estado de São Paulo, séculos XIX e XX”: MACHADO, Giovanna Carraro Maia. **Praças e Jardins do Oeste Paulista. Configuração e reconfiguração do espaço público com a introdução da ferrovia – linha Alta Paulista**; GASPAROTTO, Ana Beatriz. **Praças e Jardins do Oeste Paulista. Configuração e reconfiguração do espaço público com a introdução da ferrovia – linha Noroeste**; SIMABUKO, Rafael Tadeu. **Praças e Jardins do Oeste Paulista. Configuração e reconfiguração do espaço público com a introdução da ferrovia – linha Alta Sorocabana**; SANTOS, Aline Silva. **Praças e Jardins do Oeste Paulista. Configuração e reconfiguração do espaço público com a introdução da ferrovia – linha Alta Araraquarense**.

Neste sentido, o objetivo do trabalho é dar subsídios para a elaboração do inventário, revitalização e proposta de proteção como patrimônio cultural destes jardins representativos deste momento histórico de Jahu, tendo como apoio as Fichas de Inventário disponíveis a nível Federal, Estadual e Municipal quanto a jardins históricos no Brasil, além da ficha recomendada pelo *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS). O estudo de caso adotado é a Praça da Republica.

1. Revisão Bibliográfica

1. Revisão Bibliográfica

1.1. A importância dos jardins históricos: revitalização, conservação e tombamento.

Os jardins históricos como mencionado por SEGAWA(1996)⁸, são “praças ajardinadas” que agregam valores diversos, sendo eles desde ambientais, funcionais, estéticos, e no caso deste trabalho, históricos. Os jardins históricos aqui abordados se remetem a aqueles formulados no início do século 20⁹, período este de grande transformação das cidades, com o ajardinamento das avenidas e praças, marcando as primeiras décadas da República.

Os espaços livres constituídos no decorrer da história acabam se tornando parte integrante de uma comunidade, onde eventos e momentos importantes são registrados, e torna-se de grande importância para a identidade do local, marcando as manifestações culturais, sociais, históricas e econômicas da memória coletiva¹⁰.

Além dessa identidade do local, a salvaguarda desses espaços leva em consideração a questão da composição paisagística realizada, e também seus idealizadores. Como por exemplo, os jardins realizados por paisagistas conceituados na história, como Roberto Burle Marx, que teve um de seus jardins, a Praça Euclides da Cunha, tombada pela utilização de um repertório vegetal até então não utilizado nas praças e jardins brasileiros (vide texto 1.2.). Podem-se citar outros nomes de paisagistas famosos que possuem seus jardins revitalizados, conservados ou tombados, como o de Glaziou, com o Passeio Público do Rio de Janeiro (Vide texto 1.2.), dentre outros.

⁸ SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: Jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. pág. 72.

⁹ A presença do ajardinamento do espaço público nas cidades a partir do final do século XIX está inserida dentro de um novo regime político – a República, que traz uma nova organização político-territorial que se fez representar na própria formação do espaço urbano: alinhamento das ruas, água e esgoto, iluminação, arborização e edifícios públicos representativos da ordem social (escolas, teatros e edifícios administrativos). Estas concepções justificaram as intervenções urbanas que ocorreram nas cidades e foram possíveis, também, por um novo elemento que possibilitou essa nova organização político-territorial: a ferrovia.

¹⁰ SALCEDO, Rosío Fernández Baça. **A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina: Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil)**. São Paulo: Editora Unesp, 2007, pág. 57.

Neste sentido, a salvaguarda desses espaços é de fundamental importância para a história da cidade. Para esses jardins históricos, a salvaguarda pode envolver uma “renovação”¹¹, uma “requalificação”¹², uma “revitalização”¹³ e uma “conservação”¹⁴ do local e, por fim, um tombamento, que assegurará, através de leis municipais, estaduais e federais, o direito de preservação do local. No caso deste trabalho, pretende-se dar subsídios para uma proposta de revitalização e conservação da Praça da República na cidade de Jahu, e posteriormente um possível processo de tombamento.

1.2. Jardins Históricos tombados no Brasil

Existem poucos espaços livres tombados ou revitalizados no país, onde, dois exemplos merecem ser citados, como o Passeio Público na cidade do Rio de Janeiro, e a Praça Euclides da Cunha, em Recife. Na cidade carioca destaca-se o Passeio Público, criado inicialmente por Mestre Valentim, no século XVIII, no período Colonial (fig. 1). Posteriormente este espaço foi reformulado pelo botânico-paisagista Auguste François Marie Glaziou, no século XIX, no período Imperial (fig. 2)¹⁵. Este foi tombado no ano de 2003.

¹¹ Segundo SALCEDO, “Renovação é uma ação cirúrgica destinada a substituir edificações envelhecidas, desvalorizadas, que apresentam problemas de manutenção, por edifícios novos e maiores que, invariavelmente, são marcados por uma estética pós-modernista”. In: SALCEDO, Rosío Fernández Baca. **A reabilitação da residência nos centros históricos da América Latina: Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil)**. Op.cit.

¹² Segundo SALCEDO, “Requalificação é uma ação que preserva, o mais possível, o ambiente construído existente (pequenas propriedades, fragmentação no parcelamento do solo, edificações antigas) e dessa forma também os usos e a população moradora”. Idem.

¹³ Segundo SALCEDO, “Revitalização é a restauração de elementos componentes do jardim, mantendo as características originais de traçado e concepção”. Idem.

¹⁴ “Conservação é a manutenção desses elementos citados na revitalização”. Idem.

¹⁵ LEITURAS PAISAGÍSTICAS. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ. n. 1. 2006. pág. 16.

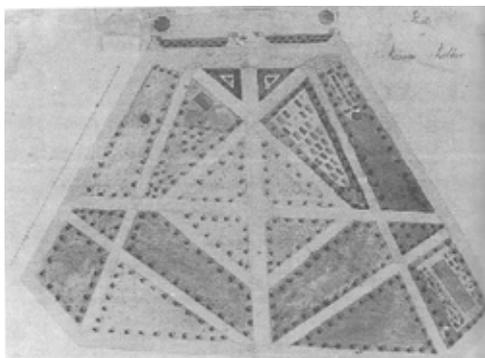


Figura 01: Passeio Público do Mestre Valentim, século XVIII.

Fonte: LEITURAS PAISAGÍSTICAS. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ.

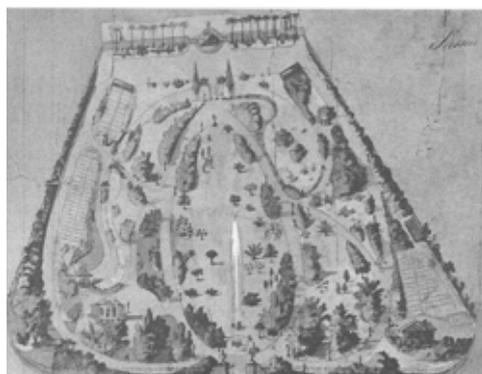


Figura 02: Passeio Público de Auguste Glaziou François Marie, no século XIX

Fonte: LEITURAS PAISAGÍSTICAS. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ.

Na capital Pernambucana, salienta-se o projeto do paisagista Roberto Burle Marx para a Praça Euclides da Cunha, de 1934 (fig. 3)¹⁶. O tombamento desta praça ocorreu em 2006 com projeto desenvolvido pela Prof^a Dr^a Ana Rita de Sá Carneiro¹⁷.

¹⁶ CARNEIRO, Ana Rita de Sá, PESSOA, Ana Cláudia. Burle Marx nas praças do Recife (1). *Vitruvius*, São Paulo, nov. 2003. Seção Arquitetos. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg042/arg042_03.asp> Acessado em: 9 abril 2009.

¹⁷ Ana Rita Sá Carneiro doutora, professora da graduação e pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco; coordenadora do Laboratório da Paisagem – UFPE; membro do CECI – UFPE. Op. Cit. CARNEIRO, Ana Rita Sá, PESSOA, Ana Cláudia. **Burle Marx nas praças do Recife (1)**.



Figura 03: Praça Euclides da Cunha, 1935. Nanquim sobre papel.
Fonte: MARX, Roberto Burle. *Arte e paisagem*.

Na Praça Euclides da Cunha, Roberto Burle Marx optou pela utilização de um repertório vegetal autóctone, ou seja, utilizou-se de espécies vegetais da própria região, inovando, assim, a composição vegetal, já que até aquele momento, na maioria dos jardins, eram utilizadas somente espécies exóticas. O jardim de cactáceas na parte central da praça, conferiu-lhe a denominação de “*um verdadeiro jardim brasileiro*”¹⁸, colocando o nome de Burle Marx na história do paisagismo brasileiro.

1.3. Legislação existente referente ao tombamento dos Jardins Históricos

A primeira lei criada no Brasil direcionada para a conservação e a proteção do Patrimônio Histórico originou-se através do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que se refere aos

“[...] bens moveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer

¹⁸ Op. Cit.

*por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”*¹⁹

Este decreto sancionado pelo “Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil”, proporcionou a organização das primeiras leis que

*“[...] equipara o patrimônio natural ao patrimônio histórico e artístico nacional, tornando monumentos naturais como Jardins e Paisagens, bem como os bens agenciados pela indústria humana, como os parques, passíveis de tombamento, uma vez que o objetivo seja conservar e proteger a feição notável que possuem.”*²⁰

Esta foi a única lei referente ao tombamento do patrimônio histórico e natural aplicada no Brasil, a nível federal, sendo que no corpo dessa lei não se disponibiliza referências relacionadas a jardins históricos. Existem apenas citações sobre o patrimônio natural que engloba

*“[...] monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela Natureza ou agenciados pela indústria humana.”*²¹

Somente em âmbito internacional, através da “Carta de Veneza”, de maio de 1964, que os primeiros questionamentos sobre estes espaços públicos foram colocados em pauta, cuja carta focava a “*conservação e restauração de monumentos e sítios*”.²²

O Jardim Histórico foi debatido especificamente na “Carta de Florença”, de maio de 1981, organizada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS

¹⁹ BRASIL. Decreto-lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, p. 1-7, 1937. p. 1.

²⁰ BRASIL. Decreto-lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Op. Cit., p. 1.

²¹ BRASIL. Decreto-lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Idem., p. 1.

²² BRASIL. Carta de Veneza, de maio de 1964. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, p. 1-4, 1964. p. 1.

e pelo Comitê Internacional de Jardins e Sítios Históricos – ICOMOS / IFLA. A “Carta de Florença” complementa a “Carta de Veneza”, caracterizando o jardim histórico como:

*“Um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta, um interesse público. Como tal é considerado monumento.”*²³

Com base na “Carta de Florença” foi organizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – através da figura do arquiteto Carlos Fernando de Moura Delphim, no ano de 1999, o “*Manual de Intervenção em Jardins Históricos*”, proporcionando algumas diretrizes para o tombamento dos jardins de valor histórico, que é válido até os dias atuais.

1.4. Material Base para o Inventariamento

A seguir é descrito, sucintamente, todo material disponível no Brasil, a nível federal, estadual e municipal acerca do inventariamento de jardins históricos, bem como, a nível internacional, a “Ficha integral de inventariamento e registro para Paisagens”²⁴ indicada pelo ICOMOS-IFLA.

1.4.1. Federal - Manual de intervenção em Jardins Históricos - IPHAN

O “Manual de Intervenção em Jardins Históricos é disponibilizado gratuitamente no site Monumenta²⁵, podendo ser baixado na íntegra.”. Organizado por Carlos Fernando de Mora Delphim (IPHAN), patrocinado pelo Ministério da Cultura e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), aborda especificamente os jardins

²³ BRASIL. Carta de Florença, de maio de 1981. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, p. 1-5, 1981. p. 1.

²⁴ www.icomos.org. Tradução do nome em espanhol: “Ficha integral de inventario y registro para Paisajes Culturales”

²⁵ Disponível em: <<http://www.monumenta.gov.br/upload> > Acessado em: 25/03/2009

históricos e os chamados entornos de monumentos tombados, buscando orientar as ações necessárias ao cuidado e preservação desses espaços livres tombados.

Neste manual encontra-se a listagem de todos os documentos necessários para o levantamento físico do espaço público.

1.4.2. Estadual - Ordem de Serviço – CONDEPHAAT

Nos materiais disponibilizados pelo “Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo” – CONDEPHAAT não existe o termo Jardim Histórico. Este tema está inserido na “Ordem de Serviço” como “áreas naturais”, entendidas como áreas verdes de grande porte.

Esta informação foi confirmada, após uma consulta realizada com o Prof. Paulo Roberto Masseram (atual representante da UNESP no CONDEPHAAT), relatando que todos os processos encaminhados para o CONDEPHAAT para análise, passam por um processo que destaca 3 etapas: Portes Arbóreos (Tamanho das espécies arbóreas), Traçado (Análise histórica do desenho) e Monumentos (elementos de destaque no espaço público).

Essas informações disponibilizadas na “Ordem de Serviço”, não serão utilizadas, já que as mesmas não orienta as ações devidas para organização de tombamento de jardins históricos.

1.4.3. Municipal - Lei Municipal da cidade de Jahu Nº 2.013, de 14 de fevereiro de 1980

Esta lei *“dispõe sobre o tombamento de bens, para a proteção do patrimônio histórico e artístico cultural”*²⁶, que foi aprovada e sancionada pela Câmara Municipal de Jahu em fevereiro de 1980. Nesta a Prefeitura de Jahu promove o tombamento de bens, móveis ou imóveis, cuja proteção, preservação ou conservação seja de interesse público.

Apesar de assegurar o interesse pelo tombamento, a Prefeitura Municipal de Jahu não dispõe de manuais ou regras para se realizar o inventariamento de jardins

²⁶ JAHU. Lei Municipal Nº 2.013, 14 de fevereiro de 1980. **Câmara Municipal de Jahu**, Jahu, SP, fev. 1980.

históricos. Todas as referências sobre tombamento ou preservação da cidade de Jahu estão baseadas nos documentos disponibilizados pelo CONDEPHAAT.

1.4.4. Internacional - Ficha integral de inventariamento e registro para Paisagens – ICOMOS

Esta ficha elaborada pelo *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS), recentemente aprovada pela comunidade internacional, pode ser baixada na íntegra nos idiomas espanhol, francês e inglês no site do ICOMOS²⁷.

A ficha aborda um conjunto de informações referentes a identificação, endereço, localização do espaço, questões legais, categoria de paisagem, história, descrições gerais sobre o espaço, características, critérios de seleção e valorização, informações complementares, entrevistas com usuários e por fim a confecção da ficha.

Essas informações direcionam basicamente todo o levantamento em relação a história do espaço livre e seu entorno, que são de grande relevância para a formulação do inventariamento dos jardins históricos.

1.5. Os Jardins do Oeste Paulista

No período de 2006-2007, 4 bolsistas²⁸ vinculados ao Projeto Temático Fapesp, realizaram o levantamento e pesquisa de 4 cidades ao longo de cada um dos 4 ramais ferroviários que ensejaram a ocupação do Oeste Paulista – Alta Paulista, Noroeste, Alta Araraquense e Alta Sorocabana – cujas pesquisas se concentraram no levantamento e catalogação das praças e jardins existentes no patrimônio original de cada cidade. No final

²⁷ www.icomos.org. Tradução do nome em espanhol: “Ficha integral de inventario y registro para Paisajes Culturales”

²⁸ Cada ramal ferroviário, contou com a colaboração de um bolsista de Iniciação Científica FAPESP, vinculado ao Projeto Temático, a saber: Araraquense – Aline Silva Santos, Noroeste – Ana Beatriz Gasparotto, Paulista – Giovanna Carraro Maia e Sorocabana – Rafael Tadeu Simabuko. Todos sob orientação da Profa. Dra. Marta Enokibara.

das pesquisas, cerca de 30 praças foram catalogadas, salientando a evidencia de um patrimônio paisagístico que surpreende por sua singularidade.

A catalogação das praças mostrou uma grande variedade de repertório vegetal que quase sempre não pode ser identificado. A pesquisa realizada pela bolsista Bruna Zechinato²⁹ no ano de 2008, revelou uma parte deste repertório vegetal no Estado de São Paulo e que foi distribuída pelo Instituto Agrônomo do Estado para as Câmaras Municipais, Prefeituras e demais órgãos públicos no período de 1909 a 1912. Uma dessas Prefeituras contempladas pelo Instituto foi a cidade de Jahu, possuindo registros de recebimento de espécies arbóreas destinadas tanto para a composição paisagística das praças como, também, para a arborização da cidade.

As cidades do Oeste Paulista ao longo dos ramais ferroviários possuem uma singularidade que pode ser identificada em alguns pontos. Inicialmente pela malha reticulada, onde, na maioria das cidades a quadrícula é adotada como um mecanismo de expansão para a ocupação do território. Esta quadrícula gerou as formas das praças do patrimônio, conferindo-lhe uma característica marcante. Na questão do repertório vegetal, essa singularidade também pode ser identificada, pois muitas das mesmas espécies foram encontradas nas cidades estudadas ao longo dos ramais ferroviários não somente na composição vegetal das praças e jardins, mas também na arborização urbana (fig. 4, 5, 6 e 7).

²⁹ ZECHINATO, Bruna Panigassi. **O Instituto Agrônomo do Estado e o repertório vegetal nas cidades do oeste paulista no início do século XX**. Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara. Relatório Parcial de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, 2007

Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu



Figura 04 e 05: Na imagem à esquerda, observa-se o mapa do Patrimônio Original da Cidade de Marília, com a área em vermelho demarcando a Praça Maria Izabel. Na direita, o Cartão Postal de Marília – Praça Maria Izabel ou Jardim São Bento – década de 60.

Fonte: Biblioteca da Câmara Municipal de Marília e Cartão Postal.

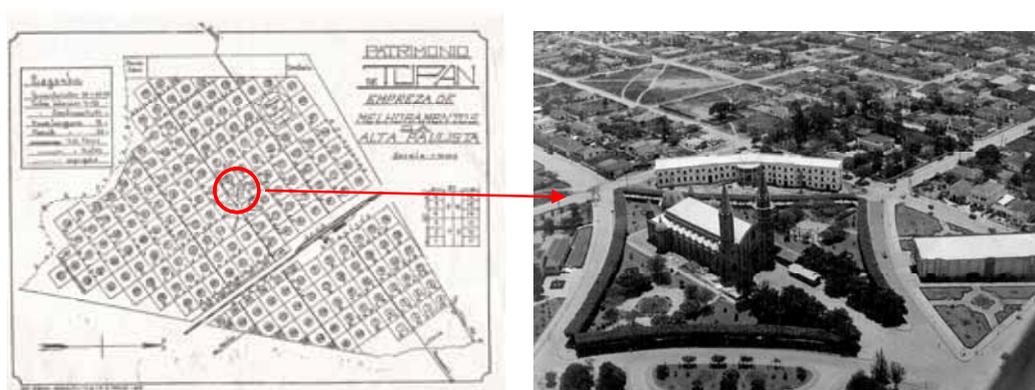


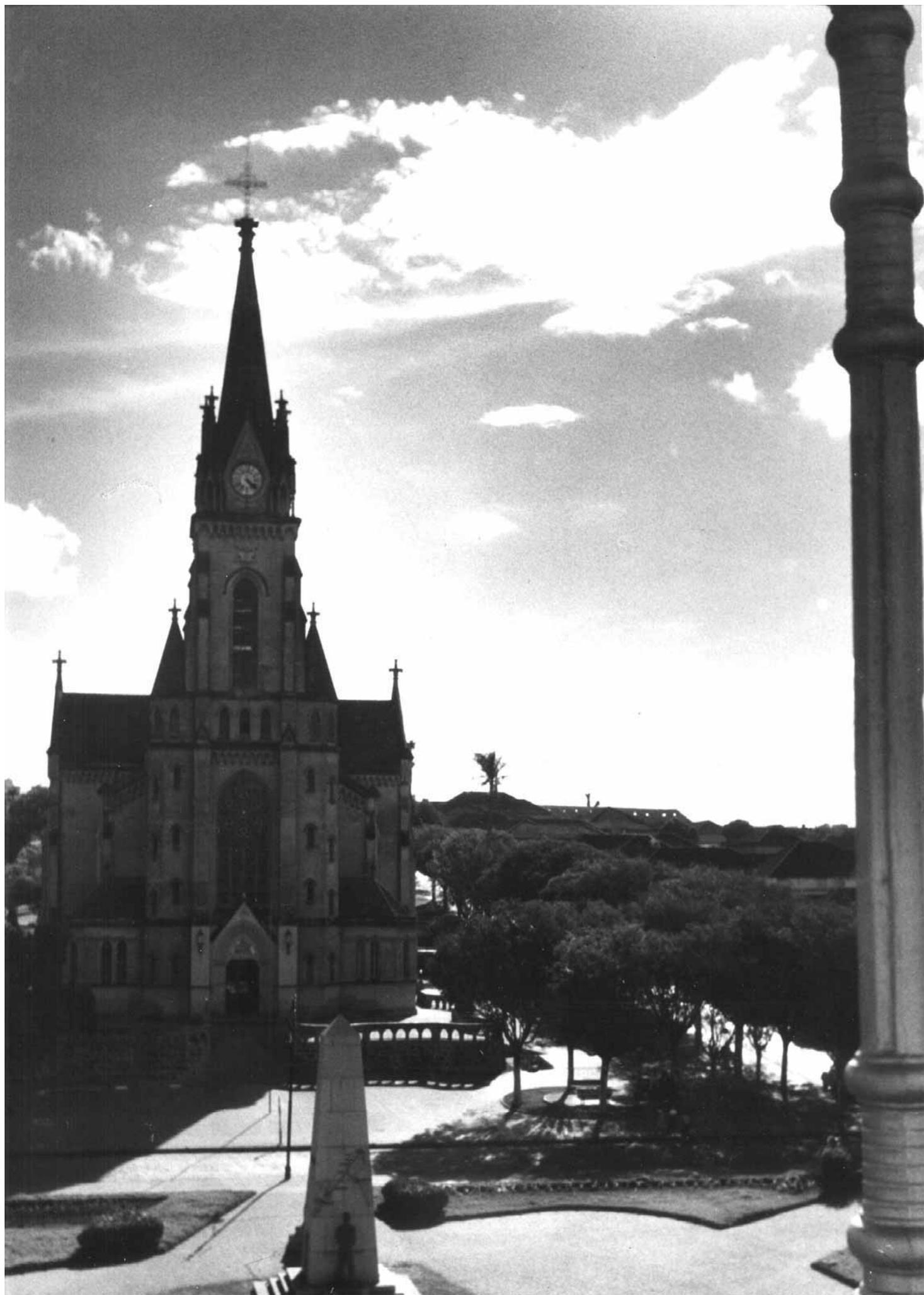
Figura 06 e 07: Na esquerda, observa-se o mapa do Patrimônio Original da Cidade de Tupã, com a área em vermelho demarcando a praça. Na direita, a Praça da Bandeira, onde em seu interior se encontra a Igreja Matriz; ao fundo o Hotel Ttamoios, ao lado direito o Cine Tupã; ao lado esquerdo a Escola Municipal; e logo abaixo (onde a foto está cortada) situava-se a Câmara e Prefeitura Municipal – foto aérea de 1955.

Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Histórico e Pedagógico “Índia Vanuíre”.

Todas essas transformações elencadas acima foi fruto de um período econômico consubstanciado em grande parte pelo binômio café-ferrovia, e inseridas em um momento político - a Primeira República. Isso nos leva a crer, como esclarece a Prof. Dra. Marta Enokibara, que há uma noção de “conjunto”³⁰ e, portanto, de necessidade de salvaguarda de algumas dessas transformações como testemunhos de um período histórico. Neste sentido, este foi o motivo que nos levou a escolher as praças e jardins de valor histórico de Jahu como objeto de estudo.

³⁰ Em 2008 a Prof. Dr. Marta Enokibara em conversa com o arquiteto Carlos Delphim relatou a pesquisa em desenvolvimento do Projeto Temático salientando que o conjunto de praças e jardins do Oeste Paulista do final do século XIX até as primeiras décadas de 1930, revelavam uma “noção de conjunto” que caracterizava um período político-econômico nesta porção do território. O arquiteto Delphim por sua vez comentou que essa “noção de conjunto” era um importante passo para se pensar na salvaguarda dessas praças e jardins.

2. Cidade de Jahu



2. Cidade de Jahu

2.1. Os Fundadores

Nas pesquisas realizadas sobre a história da cidade de Jahu³¹, foram encontradas duas referências bibliográficas relatando os fundadores que contribuíram para a formulação da Vila Jahu em 1853.

Na primeira referência a cidade de Jahu, inicialmente denominada de “Vila Jau”, foi fundada em 1853 por um grupo de proprietários de terras que se fixaram na região. Este grupo, segundo Sebastião Teixeira, autor da obra denominada “*O Jahu em 1900*”³², era formado por Lúcio de Arruda Leme, Bento Manoel de Moraes Navarro, Tenente Manoel Joaquim Lopes, Capitão José Ribeiro de Camargo e Francisco Gomes Botão. Na segunda, no livro “*Jaú a semente e a terra*”, de autoria de Waldo Claro³³, essa informação é defrontada, indicando que os fundadores da “Vila Jaú” foram apenas o Sr. Francisco Gomes Botão e o Tenente Manoel Joaquim Lopes em 1848, sendo que ambos fizeram a doação de 40 hectares para a instalação da cidade³⁴.

De qualquer forma, em ambos os casos, esses nomes foram de grande importância para a formulação da futura cidade de Jahu. Por exemplo, o Sr. Bento Manoel de Moraes Navarro, ficou encarregado de reunir esforços para trazer a padroeira para a nova cidade. A imagem de Nossa Senhora do Patrocínio, vinda de Itu por volta de 1850, é entregue ao povoado de Jaú para acompanhar o desenvolvimento da cidade e da Igreja Matriz³⁵.

Já o tenente Manoel Joaquim Lopes, juntamente com o Sr. Francisco Gomes Botão, nomes de grande importância para o povoado, doam respectivamente 20 alqueires de terra cada um, no total de 40 alqueires ou 96,80 hectares, para a implantação da Vila Jahu³⁶.

³¹ A grafia do nome da cidade “JAHU” foi definida através do Decreto Lei nº 481/58.

³² TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Jahu, Edição Correio de Jaú, 1900. pág. 14.

³³ CLARO, Waldo. **Jaú a semente e a terra**. Edição comemorativa do 90º aniversário do jornal. Comércio de Jahu, 1998. pág. 14.

³⁴ TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Op. Cit., pág. 14.

³⁵ CLARO, Waldo. **Jaú a semente e a terra**. Op. Cit. pág. 15.

³⁶ TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Op. Cit. pág. 14.

Todos os debates sobre as atividades realizadas eram feitos na residência do Sr. Lúcio de Arruda Leme, que organizou a comissão para a fundação da futura cidade de Jahu.

2.2. Formação

A região que hoje compreende a cidade de Jahu teve sua origem por volta de 1777, quando ainda se chamava Potunduva. A localização exata desta área foi identificada sendo

“[...] um trecho do rio Tietê, que forma uma reta perfeita n’uma extensão aproximada de 20 kilometros, offerecendo à vista um panorama encantador. Devido às ditas monções tornaram-se conhecidas os terrenos ribeirinhos do Tiête, motivo porque nos primeiros annos do século quase finda, estabeleceram-se alguns colonos paulistas em o lograr denominado ‘Potunduva’[...]”³⁷

Este território foi abandonado devido a invasões dos espanhóis, obrigando todos os seus moradores a se mudarem para Piracicaba, pois se sentiam desamparados em relação aos “selvagens”.

Apesar da desativação dessas terras, inúmeros posseiros e grileiros se fixaram na área, permanecendo ilegalmente por muito tempo. Apenas algumas propriedades foram registradas no “Registro de Terras da Paróquia de Brotas”, em 1830³⁸. Ao todo foram 55 compras e registros na região. Dentre essas 55 propriedades, a primeira a ser adquirida foi as terras do tenente Manoel Joaquim Lopes, em 1837, denominada Fazenda São João no qual foi registrada em

“[...] 24 de dezembro de 1855, ele afirmava te-la adquirido por compra, e embora não tenha especificado a data dessa ocupação de compra, é sábio por várias fontes históricas que a família do Tenente Lopes foi umas das primeiras a se

³⁷ TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**, pág. 02

³⁸ OLIVEIRA, Flávia Arlanch M. **Faces da dominação da terra. Jaú 1890 – 1910**. Op. cit., pág. 15.

*radicar na região, ocupando a Fazenda São João em 1837.*³⁹

Outros dados que vem a confirmar esses fatos estão presentes nos registros da Paróquia de Brotas, que mostra a ocorrência de compras nos anos de 1854-56 de terras

*“[...]Joriundas de Sesmarias. Um deles, Joaquim Antônio de Arruda, diz ter sido ‘o quarto possuidor de ditas Sesmarias’ (Registro de Terras da Paróquia de Brotas). Portanto, antes de 1822, ano da suspensão da doação de Sesmarias, a região já era conhecida e incluída nas áreas doadas pela Coroa com o objetivo de ocupa-la economicamente.”*⁴⁰

Em 1853 é concretizada a formação da Vila Jahu, cabendo ao Capitão Ribeiro, que estudava Topografia na cidade de Itu, a responsabilidade pela demarcação do patrimônio, da realização do traçado das ruas, do cemitério e da capela.⁴¹ (fig. 08)

³⁹ OLIVEIRA, Flávia Arlanch M. **Faces da dominação da terra. Jaú 1890 – 1910.** Idem, pág. 14.

⁴⁰ OLIVEIRA, Flávia Arlanch M. **Faces da dominação da terra. Jaú 1890 – 1910.** Idem, pág. 15.

⁴¹ CLARO, Waldo. **Jaú a semente e a terra.** Op. cit., pág. 13.

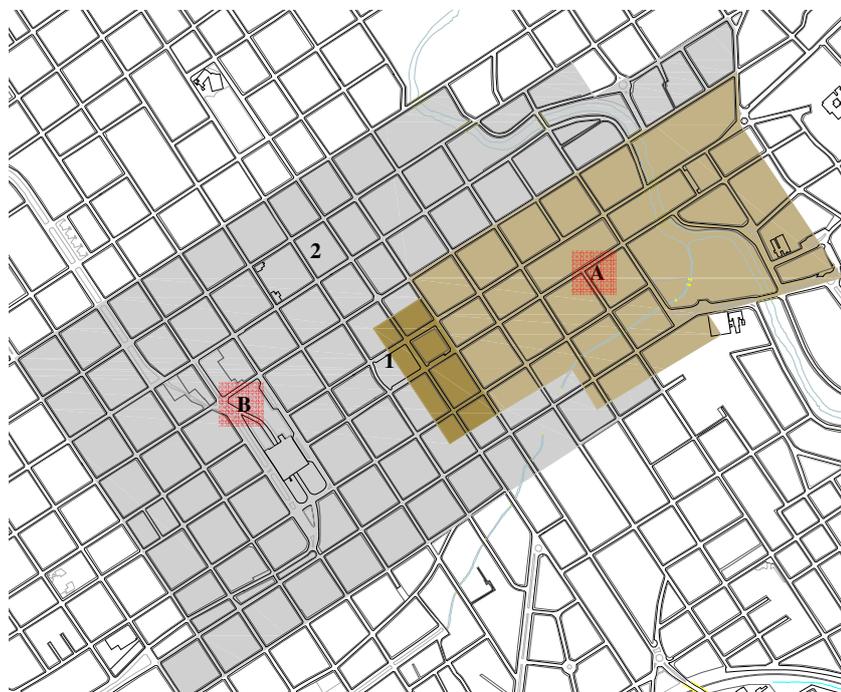


Figura 08: Mapa de expansão urbana da cidade de Jahu – hachura em marrom – formação inicial do patrimônio; hachura em bege – expansão do patrimônio até 1890 e a hachura em cinza – expansão do patrimônio de 1890-1901 – Mapa base de 2004. A área A (hachura marrom e bege) é considerada como patrimônio original da cidade de Jahu, a área B (hachura cinza) é considerada como expansão do núcleo original.

Fonte: Prefeitura Municipal de Jahu – Secretaria de Planejamento e Obras

Na figura 08, pode-se identificar as áreas demarcadas para a Capela (1), e o Cemitério Municipal (2). Atualmente na área 1 encontra-se a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio de Jahu, e na área 2, onde anteriormente era o Cemitério Municipal, encontra-se a Escola Estadual Major Prado.

O Cemitério Municipal foi removido do local original em 1929, por não ser suficiente para a cidade já neste período. Atualmente o Cemitério Municipal se localiza na Avenida Frederico Ozanan, fora do patrimônio original da cidade.

Apesar do patrimônio original se concentrar somente nesta porção demarcada na figura 08, através das pesquisas realizadas no CEDOC (Centro de Documentação, das Faculdades Integradas “Dr. Raul Bauab”), encontrou-se um folder

explicativo divulgando o “Corredor Histórico e Cultural”, onde este abrange mais uma porção da cidade, em cujas áreas se concentram a Santa Casa de Misericórdia de Jahu (12), Delegacia Municipal (13), Associação Dante Alighieri (10) e a Praça Jorge Tibiriçá (11) (fig. 09).



Figura 09: Corredor Histórico-Cultural de Jaú. Na seqüência os números equivalem: 1-Residência; 2-Praça da República; 3-Arquitetura e Casarões; 4-Enchentes do Rio Jaú; 5-Casa da Cultura; 6-Banco Real; 7-Escola Major Prado; 8-Delegacia de Ensino; 9-Mercado Municipal; 10-Associação Dante Alighieri; 11-Praça Jorge Tibiriçá; 12-Santa Casa de Misericórdia de Jaú; 13-Delegacia de Polícia; 14-Espaço Pedagógico; 16-Estação Rodoviária; 17 e 18-Paço Municipal e Praça Barão do Rio Branco; 19-Escola Dr. Pádua Salles; 20-Antiga Residência de Edgard Ferraz; 21-Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio; 22-Praça Siqueira Campos; 23-Casa Paroquial; 24-Antigo Banco Francês Italiano; 25-Hotel Jaú; 26-Jahu Clube; 27-Palacete Peccioli; 28-Antigo Banco Melhoramentos.

Fonte: CEDOC – Centro Histórico, Fundação “Dr. Raul Bauab”

Essas áreas foram incluídas neste “roteiro de visitas” devido ao fato de que a construção do Cemitério e do Mercado Municipal se deslocaram do patrimônio original da cidade, se concentrando na periferia da “Vila Jahu”. Com este fato, algumas edificações

importantes para a constituição da nova cidade se deslocaram do patrimônio original, fazendo com que englobasse as quadras desses edifícios e a praça, incluindo-as como pertencentes ao patrimônio original da cidade⁴².

2.3. O Traçado Urbano Inicial

Por volta de 1900, o autor Sebastião Teixeira, relata que o município que se encontrava próximo ao rio Jahu, se desenvolvera rapidamente, e este já contava com

“[...]15 ruas longitudinais, tomadas como tal as primeiras que correm de Nordeste para Sudeste, e 18 transversais, que se dirigem de Sudeste para Nordeste, 8 largos e mais duas ruas cujas contornações deslocam completamente das outras por não se haver nellas observações nenhum plano de arruamento e laes são as que acompanham as estradas para Bocaina – Bariry.”⁴³

O traçado do patrimônio original de Jahu como já salientado anteriormente, foi feito pelo Capitão Ribeiro, um estudante de Topografia. O traçado não era regular, suas quadras eram de tamanhos diferentes e acompanhavam o rio Jahu. Na época de sua formulação, o traçado possuía algumas ruas que definiam seu perímetro e a localização das principais residências de Jahu.

Isto pode ser comprovado através da figura 08, onde quase todas as residências de valor histórico e protegidas por lei de tombamento do município se encontram ao longo das mesmas. As ruas de maior destaque são: 1 – Rua Major Prado; 2 – Rua Edgard Ferraz; 3 – Rua Campos Sales; 4 – Rua Amaral Gurgel; 5 – Rua Lourenço Prado; 6 – Rua Visconde do rio Branco; 7 – Rua Riachuelo; 8 – Rua Paissandu e 9 – Rua Humaitá (fig. 10).

⁴² Mesmo após os levantamentos sobre a história da cidade, deparou-se com a falta de informação sobre esse fato. Essa dúvida somente foi sanada após conversa com o Prof. Ms. Paulo Masseram, que após alguns anos realizando pesquisas na cidade de Jahu, pode fornecer as informações referentes a localização desses edifícios que se deslocaram do patrimônio original da cidade e também a localização das estradas de ferro que se instalaram na cidade de Jahu. A pesquisa desenvolvida por ele na cidade no ano de 1994, não foi encontrada nem na Prefeitura Municipal de Jahu, e nem mesmo nos arquivos históricos da cidade.

⁴³ TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Op. Cit. pág 18.

Já no de 1888, observa-se que a cidade já havia se expandido além dos limites do patrimônio original demarcado no ano de 1853 (fig. 11).

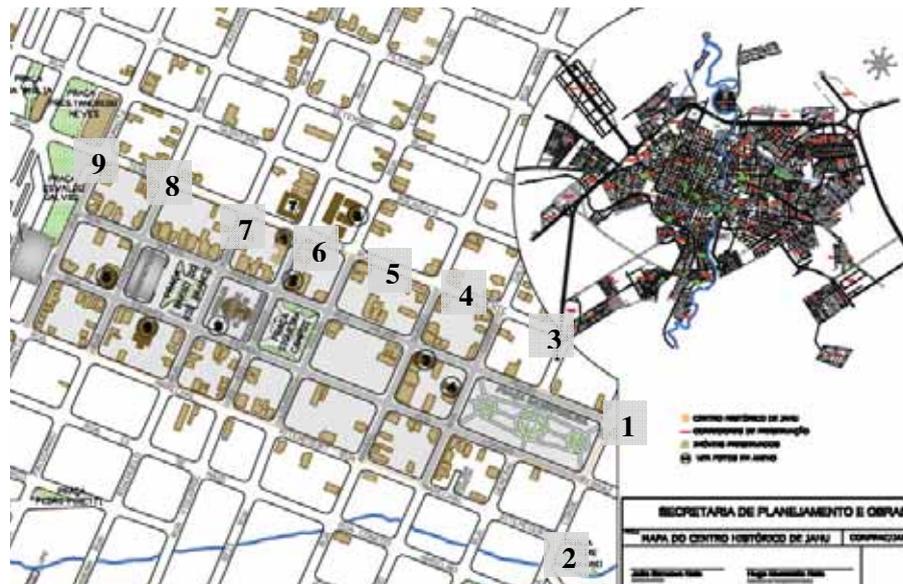


Figura 10: Mapa do centro histórico de Jahu, hachurado em cinza – Mapa de 2004

Fonte: Prefeitura Municipal de Jahu – Secretaria de Planejamento e Obras.



Figura 11: Foto da imagem no início da formação da cidade de Jahu em 1888.

Fonte: Prefeitura Municipal de Jahu – Secretaria de Planejamento e Obras.



2.4. Ferrovia

A cidade de Jaú recebeu duas linhas ferroviárias, a Linha Rio Claro e a Linha Douradense. As linhas férreas se localizavam nos pontos altos da cidade, no espigão do Rio Jahu. Margeando o perímetro do patrimônio original, foi construída a estação ferroviária para receber a Estrada de Ferro São Carlos do Pinhal (denominação antiga para a Estrada de Ferro Rio Claro)⁴⁴. Na parte oeste do patrimônio original da cidade se localizava a estação ferroviária da Linha Douradense (fig. 12).



Figura 12: Mapas com as ferrovias da estrada de ferro Douradense e de Rio Claro.

Fonte: Desenho de Giovanna Carraro Maia Machado - 2009

⁴⁴ TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Idem. pág 118.

A estrada de ferro Rio Claro chegou ao município de Jaú no ano de 1892, sendo este dia marcado com muita festa, expectativas de desenvolvimento e prosperidade. Nos registros de TEIXEIRA (1900), há o relato de como a Estação de Jahu proporcionou à empresa férrea rendimentos vultosos e mudança no quadro de desenvolvimento do município, onde três itens se sobressaiam⁴⁵: uma relacionada ao fato de que naquele momento em diante o município de Jahu estaria ligada diretamente com os grandes centros populosos; o outro ligado a saída da produção cafeeira, que naquele momento era expressiva e muito valorizada; e por fim, a imigração, que aumentou a população, trazendo maiores riquezas para o crescimento da cidade.

Em relação à estrada de ferro Douradense, segundo o Prof. Ms. Paulo Roberto Masseram, acredita-se que tenha chegado por volta de 1900, e sua localização pode ser demarcada no traçado urbano da cidade (fig. 12).

2.5. As Praças

Com o início da formulação do traçado urbano da cidade de Jahu, as áreas destinadas às praças já haviam sido demarcadas. No patrimônio original verificou-se a existência de 4 (quatro) praças – Praça Barão do Rio Branco, Praça do Largo da Matriz, Praça Siqueira Campos e Praça da República (fig. 13), e também a Praça Jorge Tibiriçá, inserida na expansão do patrimônio original.

⁴⁵ TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Idem. pág 118.

Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu



Figura 13 – 1 Praça Barão do Rio Branco, 2 – Praça do Largo da Matriz, 3 – Praça Siqueira Campos e 4 – Praça da República. A área hachurada é considerada centro histórico, e na figura 08, o centro histórico equivale a área A.
Fonte: Prefeitura Municipal de Jahu – Secretaria de Planejamento e Obras.



2.5.1. Praça Barão do Rio Branco

Essa praça localiza-se no quarteirão do Paço Municipal, compreendida entre as Ruas Paissandu, Rua Major Prado, Rua Riachuelo e Rua Edgard Ferraz. O projeto encontrado no Museu Municipal de Jahu da Praça Barão do Rio Branco⁴⁶ não possui data e nem autoria (fig. 14), mas estima-se que esta possa ter se realizado após 1900, devido às construções em seu entorno e pela foto onde observa-se a matriz em primeiro plano, e logo ao fundo o Paço Municipal (fig. 15).

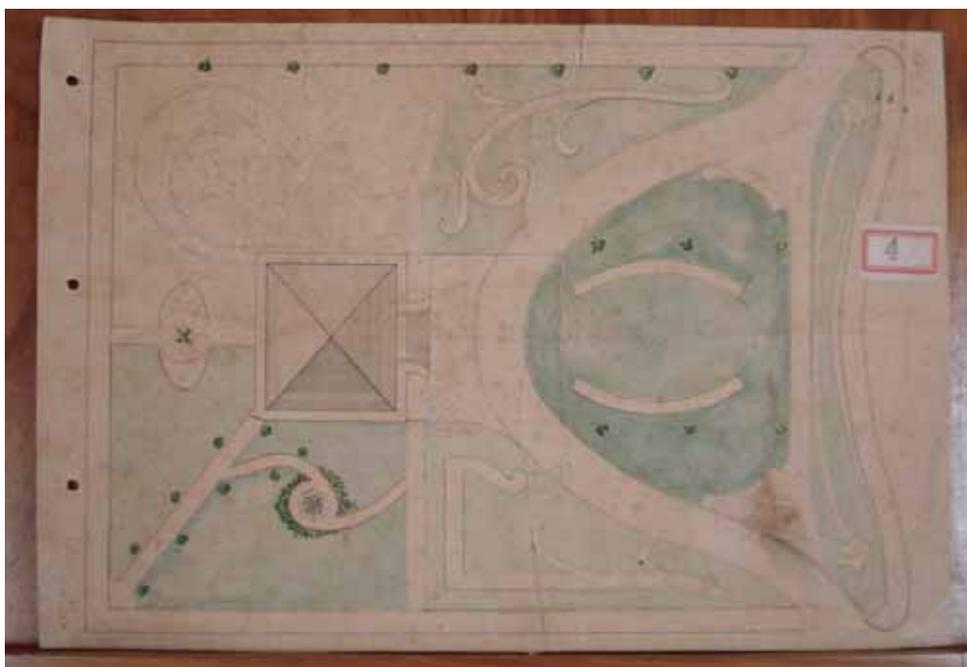


Figura 14: Projeto da Praça Barão do Rio Branco.

Fonte: Museu Municipal de Jahu.

⁴⁶ Segundo nota divulgada no Comércio de Jahu de agosto de 1994, “... o nome dado a essa praça foi em homenagem a José Maria da Silva Paranhos, conhecido como Barão do Rio Branco, estadista que ajudou a recuperar o país após a guerra do Paraguai, tornando-se um grande diplomata brasileiro⁴⁶. Este personagem não apenas recebeu homenagens no interior do Estado de São Paulo, como também em todo Brasil, com nomes de ruas, avenidas entre outros.” In: NOSSAS Praças. **Comércio do Jahu**. Complemento Especial. Jahu, 14 agost. 1994. pág. 5.



Figura 15: Igreja Matriz em primeiro plano e o Paço Municipal ao fundo. Foto de 1911.

Fonte: Museu Municipal de Jahu

A praça continha luminárias, possuindo na porção inferior da quadra um lago rodeado de caminhos, árvores e arbustos. Os caminhos eram formados por paralelepípedos em traçado assimétrico (fig. 16 e 17). Nesta praça pode-se observar a existência de bancos para a permanência da população.

Existem apenas 2 fotografias desta praça, e somente algumas espécies tanto arbóreas como arbustivas puderam ser identificadas. As espécies que se destacam ao analisar as fotos seriam: Palmeira Imperial, Alfeneiros e Areca-Bambu, as demais não são passíveis de identificação.



Figura 16: Vista da frente da Praça Barão do Rio Branco, ao fundo o Paço Municipal, 1920.
Fonte: Museu Municipal de Jahu.



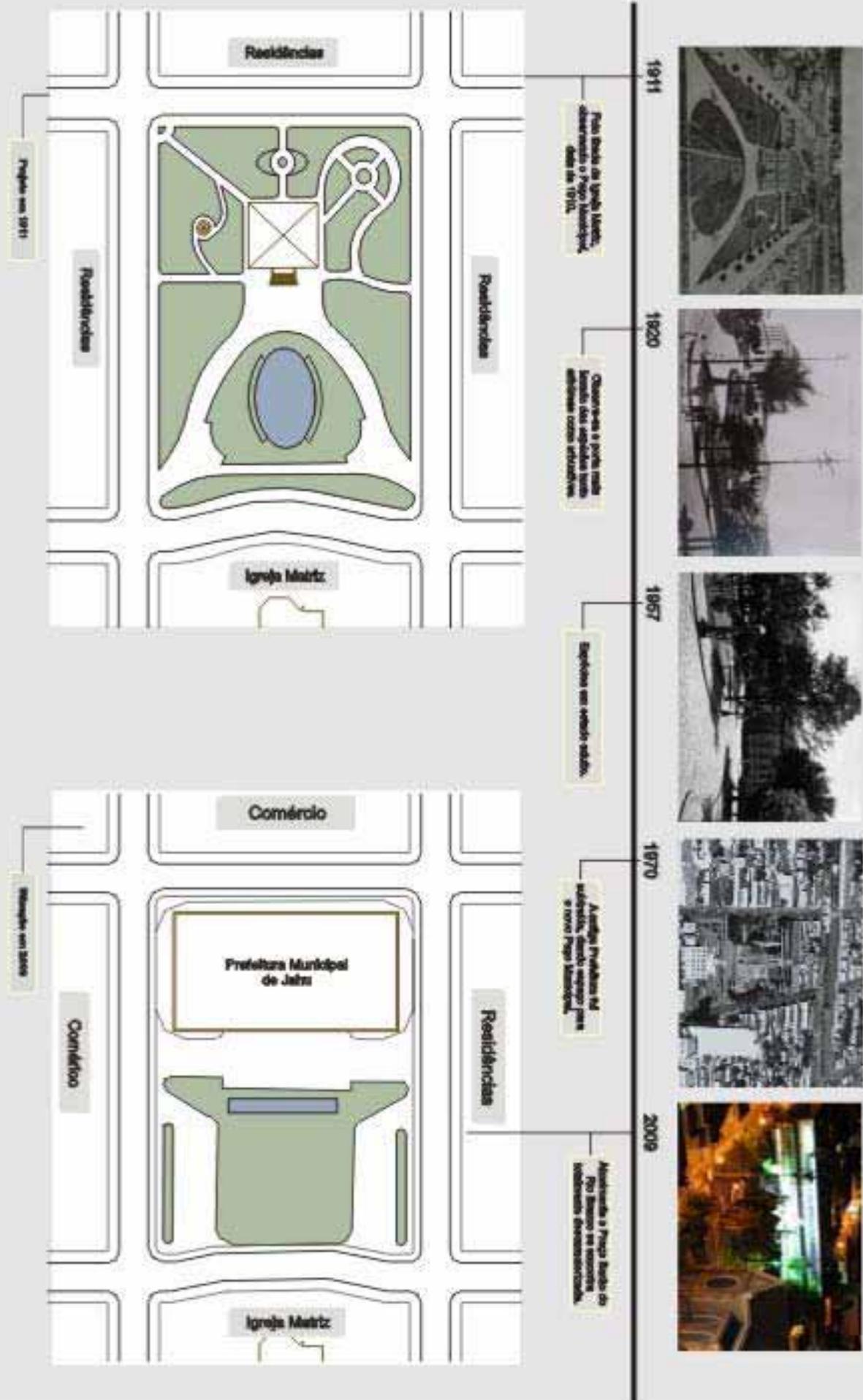
Figura 17: Detalhe do jardim da Praça Barão do Rio Branco 1957.
Fonte: Museu Municipal de Jahu.

Infelizmente esta praça foi totalmente descaracterizada por volta da década de 1970, quando o novo prédio da Prefeitura Municipal de Jahu foi instalado, ocupando metade da quadra. Todo o ajardinamento foi alterado para se adequar a nova arquitetura do edifício (fig.18). O processo de descaracterização pode ser observado na linha do tempo a seguir.



Figura 18: Vista Aérea da Prefeitura Municipal de Jahu.

Fonte: LEVORATO, Adão Valdemir. O Jahu Encontros, Cantos e Encantos.



Praça Barão do Rio Branco



2.5.2. Praça Siqueira Campos

Inicialmente esta era destinada ao cemitério da então “Vila Jahu”. Foi apenas no ano de 1895, que esta área começou a ser caracterizada como praça, denominada Largo da Matriz. O início do embelezamento desta praça se deu logo após o grande desenvolvimento que o café proporcionou a cidade. No centro do Largo da Matriz, após o primeiro ajardinamento, foi instalado em 1897 o Pavilhão da Música⁴⁷, para o entretenimento da população jauense.

Somente em 1910, após o projeto paisagístico de João Ribeiro da Silva (fig. 18), que a praça começou a ganhar mais atenção. Em seu projeto, concentrou no interior da praça uma fonte, o coreto e mais uma área destinada para o “*footing*”. O projeto é bem simétrico, possuindo um foco central direcionado para a fonte; os caminhos são sinuosos, com composições de maciços de arbustos.

Na composição vegetal foram utilizadas palmeiras nas extremidades; ciprestes um pouco mais no interior da praça; alfeneiros junto a calçada e tamareiras das Canárias no centro da praça, circundando a fonte e o coreto (fig. 19 e 20)⁴⁸.

⁴⁷ BAUMANN, Ana Paula. **Praça Siqueira Campos de Jaú. Origens e Desdobramentos**. Jahu, SP: 1999. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Departamento de História das Faculdades Integradas de Jahu. pág. 11

⁴⁸ ZECHINATO, Bruna Panigassi. **O Instituto Agrônomo do Estado e o repertório vegetal nas cidades do oeste paulista no início do século XX**. Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara. Relatório Parcial de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, 2007



Figura 19: Planta Original da Praça Siqueira Campos

Fonte: Museu Municipal de Jahu

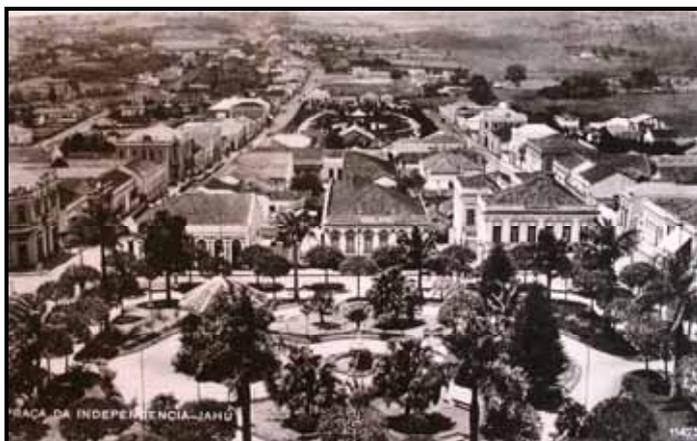


Figura 20: Em primeiro plano a Praça Siqueira Campos e ao fundo a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio.

Fonte: Museu Municipal de Jahu



Figura 21: Em primeiro plano a Praça Siqueira Campos e ao fundo a Igreja Matriz Nossa senhora do Patrocínio.
Fonte: BAUMANN, Ana Paula. **Praça Siqueira Campos de Jahu. Origens e Desdobramentos**. Jahu, SP: 1999.

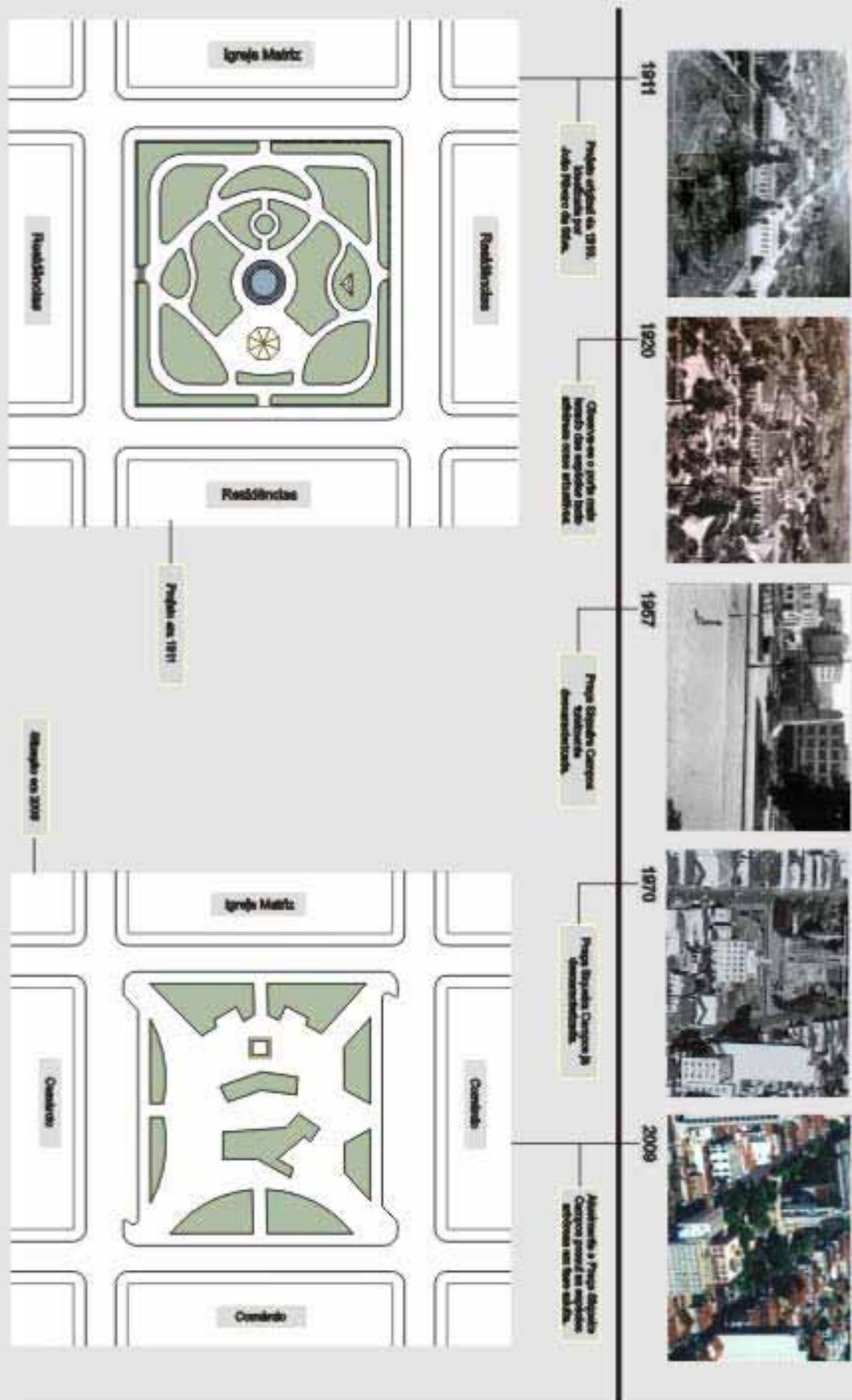
Atualmente esta praça se encontra totalmente descaracterizada. Após anos de gestões públicas, essa praça foi se modificando conforme o “gosto” de cada Prefeito Municipal. Hoje a praça se encontra em apenas um plano, juntamente com o desnível da rua, sendo que algumas das espécies vegetais foram mantidas, outras foram retiradas (fig. 21). É possível observar nesta imagem que o muro de arrimo que cercava a praça foi retirado, fazendo com que toda a praça atual acompanhasse o desnível da rua (fig. 22).



Figura 22: Foto aérea mostrando a Praça Siqueira Campos em frente a Igreja Matriz.

Fonte: Museu Municipal de Jahu.

Todas as modificações realizadas nesta praça podem ser vistas na linha do tempo a seguir, observando como a praça em questão foi se modificando com o tempo.



Praça Siqueira Campos



2.5.3. Praça do Largo da Matriz

A área para a construção da Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio desde o início já havia sido designada próxima às instalações do Paço Municipal. Inicialmente, em 1852, a primeira missa foi celebrada onde se construiria a primeira capela do então povoado. Após este fato em 1853, foi colocada a pedra fundamental da futura Matriz.

O largo se localizava na quadra compreendida nas ruas: Rua Visconde do Rio Branco, Rua Major Prado, Rua Riachuelo e Rua Edgard Ferraz. A Igreja Matriz teve o início de suas obras em 1895 e seu término se deu em 1905. Provavelmente a organização do largo tenha ocorrido no final do século XIX. As primeiras imagens encontradas com o ajardinamento do Largo da Matriz já formado são datadas de 1920 (fig. 23).



Figura 23: Observa-se na frente da Igreja Matriz as áreas ajardinadas. Foto de 1920.

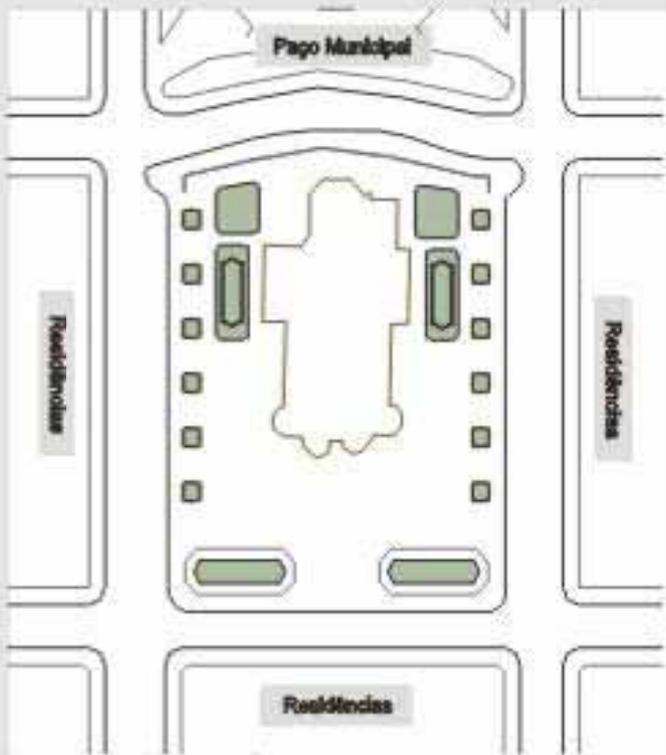
Fonte: Museu Municipal de Jahu.

O jardim do Largo da Matriz era composto basicamente de ladrilho hidráulico, tendo ao redor e na parte frontal da matriz canteiros ajardinados. Ao redor da quadra foi plantada uma fileira de árvores, sendo utilizada pela população como área de estar (fig. 24).

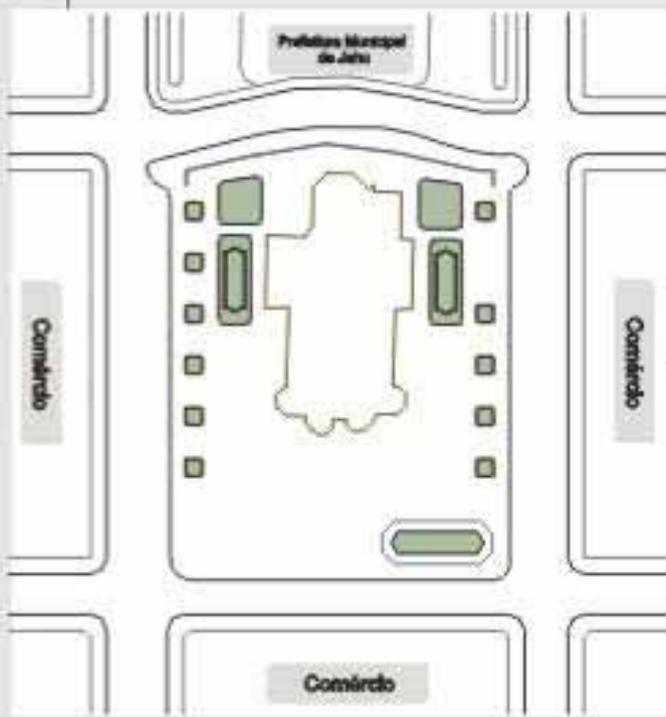


Figura 24: Parte arborizada na lateral da Igreja Matriz. Foto de 1957.
Fonte: S.A. **Concursos Motivos de Jahu**. Foto Clube Jahu, 1957.

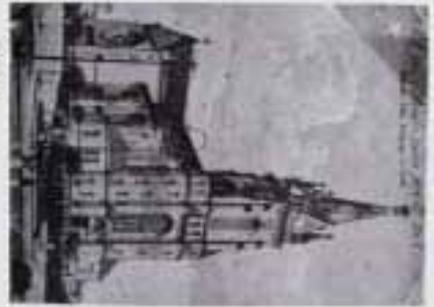
Atualmente o Largo da Matriz se encontra quase que inalterado, apenas os canteiros ajardinados frontais foram retirados para dar espaço ao estacionamento. No decorrer da história, tanto o Largo da Matriz como a Igreja, se mantiveram inalterados, como pode ser visto na linha do tempo a seguir.



Projeto em 1820



Atualizado em 2009



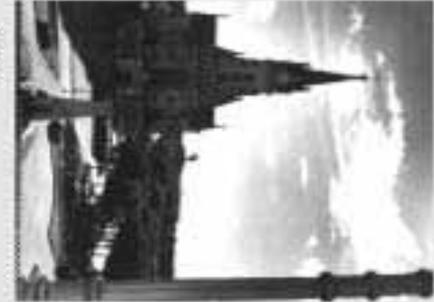
1920

Em fachada a Igreja Nossa Senhora do Patrocínio.



1930

Após 10 anos a igreja continua inacabada.



1957

A igreja continua inacabada.



1970

Paço da Jaboá possui setores de Patrocínio, com serviços sacerdotais.



2009

Atualmente funciona oficialmente no endereço atualizado.

Praça Nossa Senhora do Patrocínio



2.5.4. Praça da República

A Praça da República possuiu vários nomes no decorrer da história jauense. Sua denominação foi se alterando acompanhando os eventos. Inicialmente este espaço público possuía em seu interior o Teatro Municipal (fig. 25), e assim ficou conhecido no final do século XIX, como Jardim do Largo do Teatro.



Figura 25: No centro da imagem o Teatro Municipal de Jahu. Foto de 1911.

Fonte: Museu Municipal de Jahu.

No ano de 1910, foi realizado um novo projeto paisagístico para o Largo, desenvolvido pelo Sr. João Ribeiro da Silva (fig. 26). O novo projeto foi pensado sem o Teatro Municipal, já que o mesmo foi subtraído no início do século XX. No lugar do teatro foi inserido o coreto (fig. 27), sendo o foco central de toda a então renomeada Praça da República. Além do coreto, o projeto possuía uma fonte com um monumento (fig. 28 e 29), que se localizava na porção mais baixa da praça.



Figura 26: Planta Original do Jardim do largo do Theatro ou Praça da República.

Fonte: Museu Municipal de Jahu.



Figura 27: Perspectiva da Praça da República – Década de 1950.

Fonte: Prefeitura Municipal de Jahu.



Figura 28: Chafariz da Praça da República.

Fonte: Museu Municipal de Jahu.



Figura 29: Perspectiva da Praça da República – Década de 1950.

Fonte: S.A. **Concursos Motivos de Jahu**. Foto Clube Jahu, 1957.

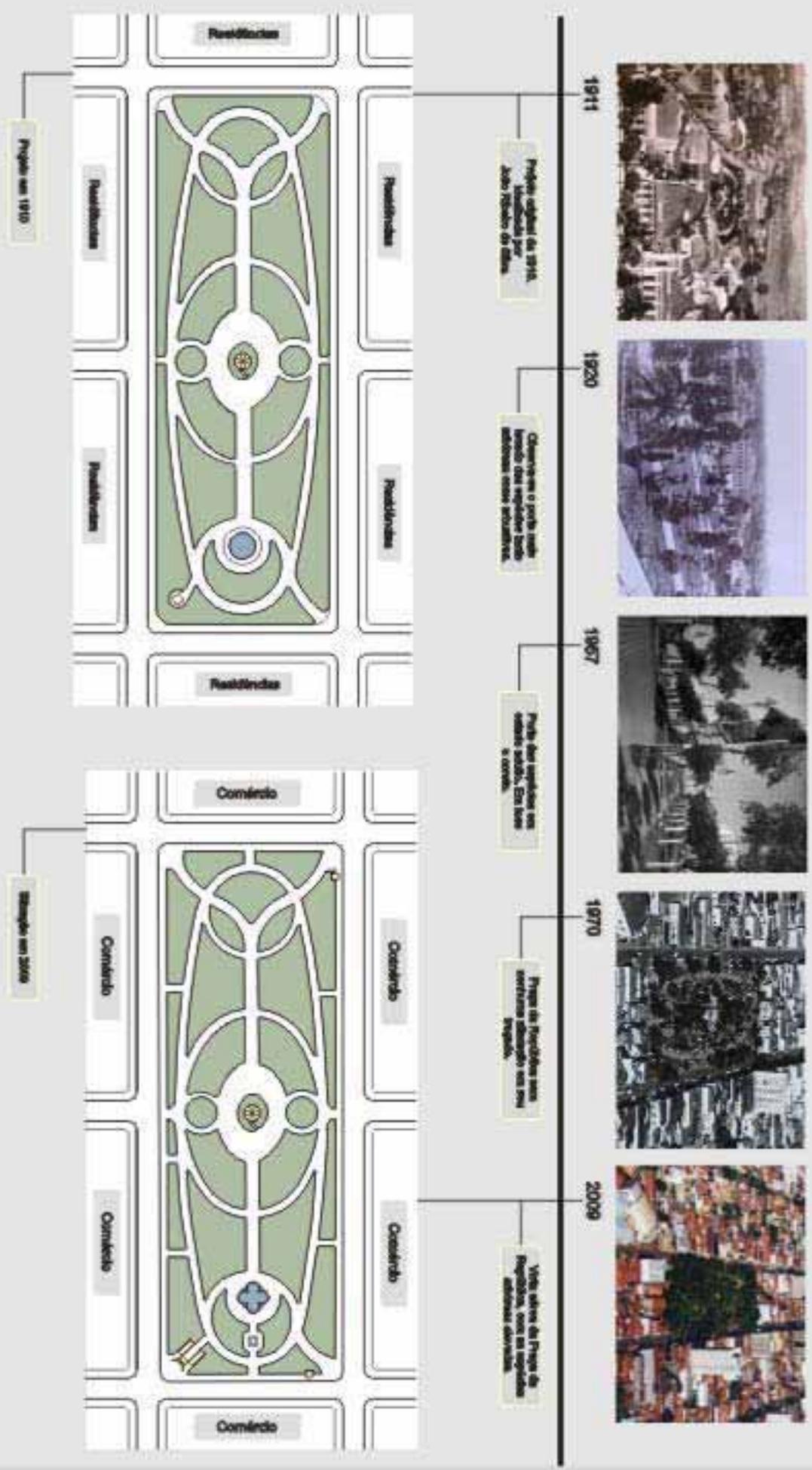
Em relação ao repertório vegetal foram identificadas algumas espécies através de fotos e documentos. Através da pesquisa da bolsista Bruna Zechinato, pode-se localizar algumas dessas espécies no contexto geral da praça. No centro da praça, ao redor do coreto, é possível identificar pinheiros e algumas palmeiras da espécie *Washingtonia filifera.*, nas bordas dos canteiros foram plantadas tamareiras, dentro dos canteiros foi aplicada a técnica de topiaria em murtas e ciprestes, além de algumas palmeiras das Canárias e, circundando toda a quadra da praça, foram plantados alfeneiros acompanhando a calçada (fig. 30).



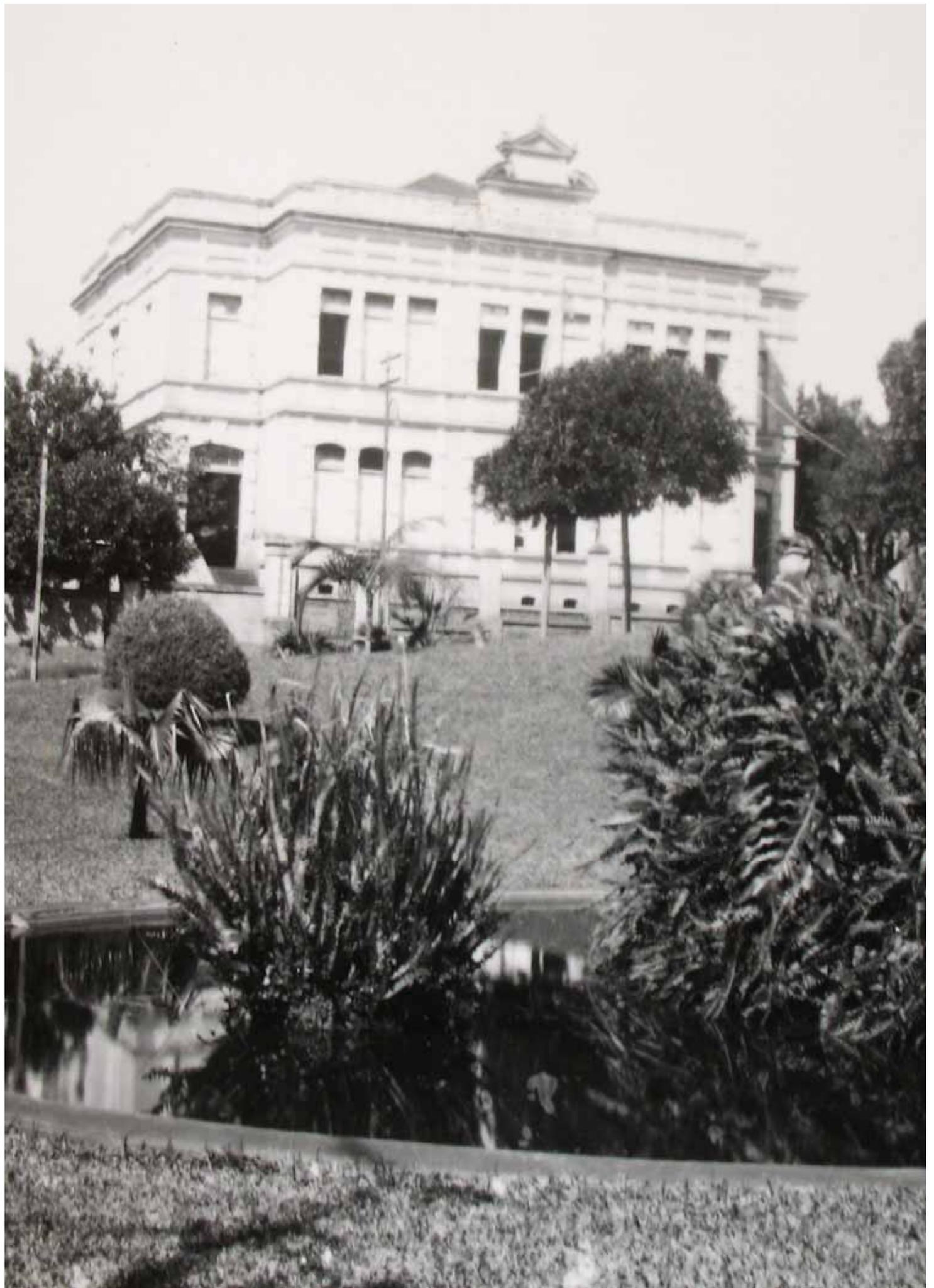
Figura 30: Vista da Praça da República – Década de 1920.

Fonte: Museu Municipal de Jahu.

Atualmente a Praça da República se encontra com o mesmo traçado. Em alguns pontos da praça foram abertos alguns caminhos para facilitar a passagem da população, mas isso não interferiu no contexto geral do desenho. Algumas das espécies arbóreas plantadas inicialmente ainda existem, outras foram suprimidas ou replantadas. O crescimento das espécies arbóreas e também as diferentes transformações da praça, pode ser observado na linha do tempo a seguir.



Praça da República ou Largo do Theatro



2.5.5. Praça Jorge Tibiriçá

Esta praça apesar de não pertencer originalmente ao patrimônio original, foi incluída devido a expansão do território do patrimônio já citado no item 2.2. deste trabalho. O projeto original da praça foi idealizado em 1910, por João Ribeiro da Silva.

O projeto compreende uma área destinada ao lago, uma área central com elementos arquitetônicos, caminhos sinuosos e uma grande quantidade de vegetação (fig. 31). Mas esta praça somente foi implantada em 1957. O projeto executado foi modificado para dar espaço a um parquinho (fig.32) e um lago na frente da Delegacia Municipal (fig. 33).

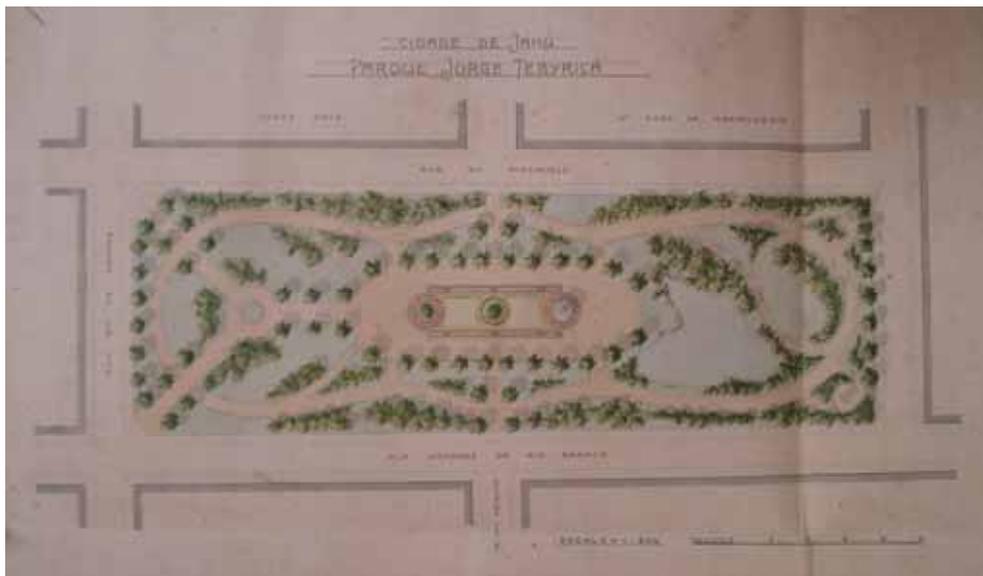


Figura 31: Planta Original do Parque Jorge Tibiriçá (1910)

Fonte: Museu Municipal de Jahu.



Figura 32: Parquinho da Praça Jorge Tibiriçá em 1994.

Fonte: NOSSAS Praças. **Comércio do Jahu**. Complemento Especial. Jahu, 14 agost. 1994.



Figura 33: Lago da Praça Jorge Tibiriçá e ao fundo a Delegacia Municipal.

Fonte: Museu Municipal de Jahu.

Atualmente a praça sofreu mais alterações, onde uma quadra municipal foi implantada e o lago foi retirado dando lugar aos banheiros e um coreto com pergolado.

3. Primeira avaliação sobre a importância histórica das praças de Jaú e as praças localizadas no patrimônio original

3. Primeira avaliação sobre a importância histórica das praças de Jahu e as praças localizadas no patrimônio original

As praças que estão presentes no patrimônio original da cidade de Jahu são: a Praça do Paço Municipal (1900), a Praça da Igreja Matriz ou Nossa Senhora do Patrocínio (1910), a Praça Siqueira Campos (1897) e a Praça da República ou Largo do Theatro (1910).

Estas praças são sequenciais (vide pág. 37, fig. 13) e evidenciam um conjunto que caracteriza o patrimônio original, que hoje corresponde à área central da cidade.

Após o levantamento dessas 4 praças, percebeu-se também que todas elas possam ter sido projetadas por uma única pessoa - o Sr. João Ribeiro da Silva. Não se sabe se o mesmo projetou as praças com o intuito de uni-las, pois foram realizadas em momentos diferentes.

Em relação ao valor histórico individual, cada uma delas desempenhou papéis diferentes em cada momento de sua história. Na Praça do Paço Municipal, esta era a primeira a ser vista pelos visitantes que chegavam à cidade através da linha do trem, e se deparavam com um grande jardim composto por topiaria.

Logo abaixo a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio com uma grande área calçada para a realização de eventos, e alguns pontos com canteiros e árvores. Atualmente esta área se encontra quase que inalterada.

A Praça Siqueira Campos, uma das mais antigas praças da cidade, era muito freqüentada devido a esta se encontrar em frente à Igreja Matriz, além dos concertos realizados em seu coreto. Esta no decorrer da história ganhou ênfase devido à instalação do monumento em homenagem a João Ribeiro de Barros, o primeiro aviador a cruzar o Atlântico a bordo de um pequeno avião. O conjunto paisagístico desta praça era muito imponente e muito apreciado pela população, mas atualmente o único elemento remanescente desta é o monumento de João Ribeiro de Barros, juntamente com a placa comemorativa de seu centenário.

E por fim, a Praça da República ou Largo do Theatro, conhecida assim pelo teatro que esta continha em seu interior, até o início de 1900, quando este foi retirado para

dar lugar ao projeto paisagístico do Sr. João da Silva. Esta praça recebeu um coreto maior do que a Praça Siqueira Campos, tornando-se assim um local de grandes eventos musicais, com bandas e orquestras, animando a população nas noites de sábado e nas tardes de domingo. Por sua localização, esta praça é utilizada desde sua fundação até os dias atuais, sendo apreciada por idosos, que se lembram do passado majestoso desta, como também os jovens que hoje a utilizam como ponto de encontro. O projeto paisagístico se encontra praticamente inalterado em relação ao seu traçado.

4. Justificativa da praça escolhida para inventário: Praça da República

4. Justificativa da praça escolhida para inventário: Praça da República

Em função dos estudos anteriormente apresentados, a Praça da República é a que está em melhor estado de conservação, com poucas alterações do desenho original. Desde o início de sua formação sempre foi freqüentada pela população, mesmo com as mudanças ocorridas em seu entorno (anteriormente residencial e atualmente comercial). Por estes motivos, justifica-se a escolha da Praça da República para a realização do inventário. Os subsídios para a realização do inventário estão expostos a seguir.

4.1. Diversidade de usos da praça no decorrer da história

A Praça da República esteve presente em vários momentos históricos da cidade de Jahu. Através de relatos, esta praça foi apontada como a que mais era freqüentada pela população antiga da cidade devido aos eventos musicais que essa recebia e por ser um ponto de encontro entre os casais para o “footing”, expressão destinada ao passeio com o objetivo do flerte⁴⁸.

Além desses eventos musicais, foi e é comum a praça acomodar festas de Natal e de final de ano. As festas de Natal são marcadas pela presença de decorações características (figura 34 e 35), entre elas a casa do Papai Noel, que recebe muitas crianças e adultos.

⁴⁸ Segundo o dicionário Houaiss: Footing. Datação, 1892. Acepções, substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. 1. passeio a pé, para espairecer ou à guisa de exercício físico. 2. Derivação: por metonímia. Local numa cidade onde se faz esse passeio, esp. com objetivo de arranjar namorado(a). O significado da palavra utilizada no texto se encaixa na segunda opção. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 07. outubro. 2007. In: SIMABUKO, Rafael Tadeu. Praças e Jardins do Oeste Paulista. **A conformação e transformação do espaço público com a introdução da ferrovia – Ramal Alta Sorocabana**. Iniciação Científica FAPESP, sob orientação da Prof^a Dr^a Marta Enokibara – 2009.



Figura 34: Foto de 1996, iluminação de Natal.

Foto: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Jahu.



Figura 35: Foto de 2003, com iluminação de natal no coreto.

Foto: “O Jahu: Encontros, Cantos e Encantos” (2003).

No decorrer do ano a Praça é utilizada para receber quermesses, feiras de artesanato (figura 36 e 37), além de todos os domingos à tarde receber brinquedos para as crianças juntamente com bandas no coreto. Em datas comemorativas ou solenes, como no aniversário da cidade, a praça é utilizada como ponto de passagem principal, recebendo grande parte da população jahuense.



Figura 36: Feira de Artesanato realizada todos os sábados de manhã.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.



Figura 37: Pula-pula próximo ao coreto.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

Além disso, a localização da praça no centro comercial de Jahu proporciona a funcionários e consumidores, um local aprazível para o descanso na hora do almoço.

4.2. APO – Avaliação Pós-Ocupação da Praça da República

A avaliação pós-ocupação (APO)⁴⁹ é uma ferramenta utilizada com o intuito de avaliar o espaço após sua ocupação. Neste sentido o trabalho realizou uma APO na Praça da República da cidade de Jahu com o objetivo de avaliar mais detalhadamente como este espaço público é utilizado atualmente pela população, e colher dados que possam auxiliar uma proposta de revitalização da praça.

Serão analisadas as áreas de permanência e passagem, pontos de fluxos de entrada e saída, percepções referentes ao conforto térmico e visual, atividades desenvolvidas dentro da praça e moradores do entorno.

A primeira análise foi em relação às áreas de permanência e passagem da população pelo local. Essas áreas de permanência variam em relação ao período do dia. Na parte da manhã (área em marrom, figura 38), a concentração está na porção próxima a Rua Campos Salles e adentrando a área marcada. No período da tarde a concentração está na porção central da praça, e a noite, na proximidade da Rua Major Prado. As setas em preto demonstram a passagem dos pedestres nos períodos da manhã, tarde e noite (figura 38). Na área em bege, onde se concentra o chafariz do “Manequinho” e na região dos sanitários, a permanência das pessoas é reduzida. Os pontos de maior fluxo de pedestres se concentram na Rua Major Pardo e na Rua Campos Salles.

⁴⁹ Aqui serão apresentadas algumas dessas avaliações para subsidiar o inventário da Praça da República, pois dentro de uma APO, muitas outras análises e levantamentos necessitam ser realizados e aplicados.

Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu

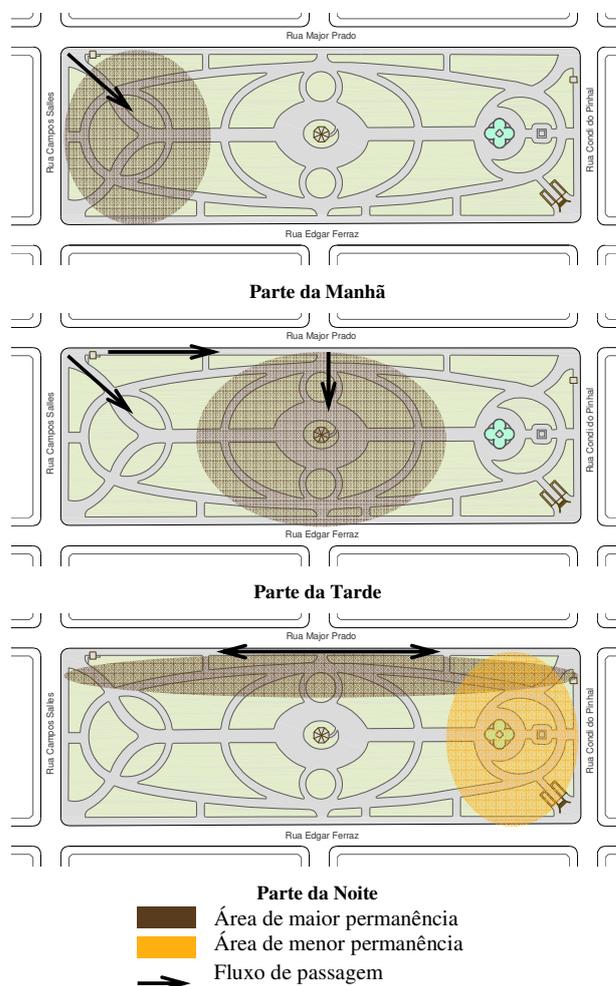


Figura 38: Área de permanência e passagem nos períodos do dia.
Foto: Esquema idealizado por Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

Em relação ao conforto térmico, todos os entrevistados⁵⁰ foram unânimes em dizer que a arborização da praça deixa o ambiente confortável e propício a permanência, a única reclamação foi em relação a alguns setores, que necessitam de maior cuidado em relação à poda e manutenção das espécies vegetais dispostas no local. Os pontos com menor

⁵⁰ Foram entrevistas cerca de 25 pessoas ao longo dos 3 períodos do dia.

visibilidade, tanto de dentro como fora da praça, como ao contrário, devem-se aos densos maciços de vegetação localizados nas áreas demarcadas em verde na figura 39.

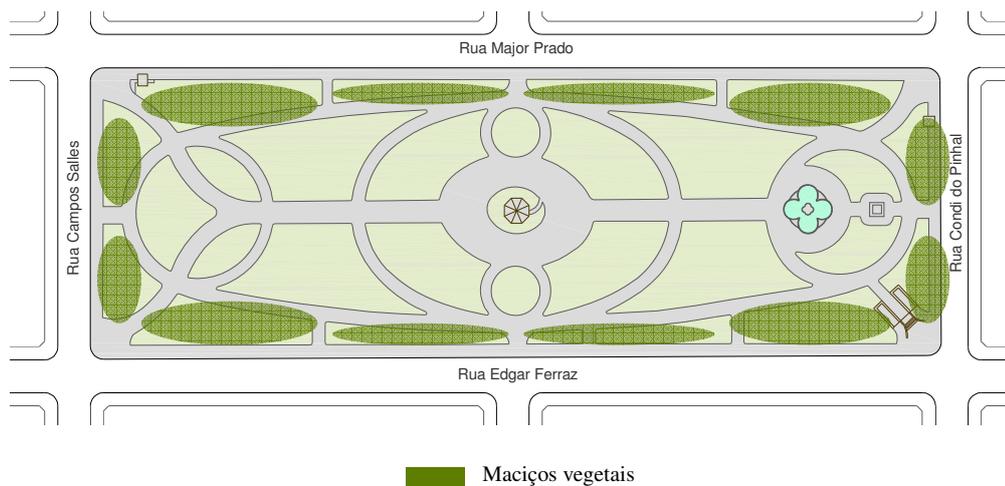


Figura 39: Área de menor visibilidade

Foto: Esquema idealizado por Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

No interior da praça, geralmente algumas atividades são desenvolvidas. Durante e no final de semana, há a presença de carrinhos de doces e salgados (área em marrom); no final de semana, feira de artesanato e exposições (áreas em cinza), espaço de recreação infantil (área em verde), e a área para apresentações musicais (área em bege) (figura 40). Essas atividades funcionam no período da manhã e até ao anoitecer, e no período da noite as atividades na praça se concentram na Rua Major Prado, com a permanência de casais e grupos de amigos.

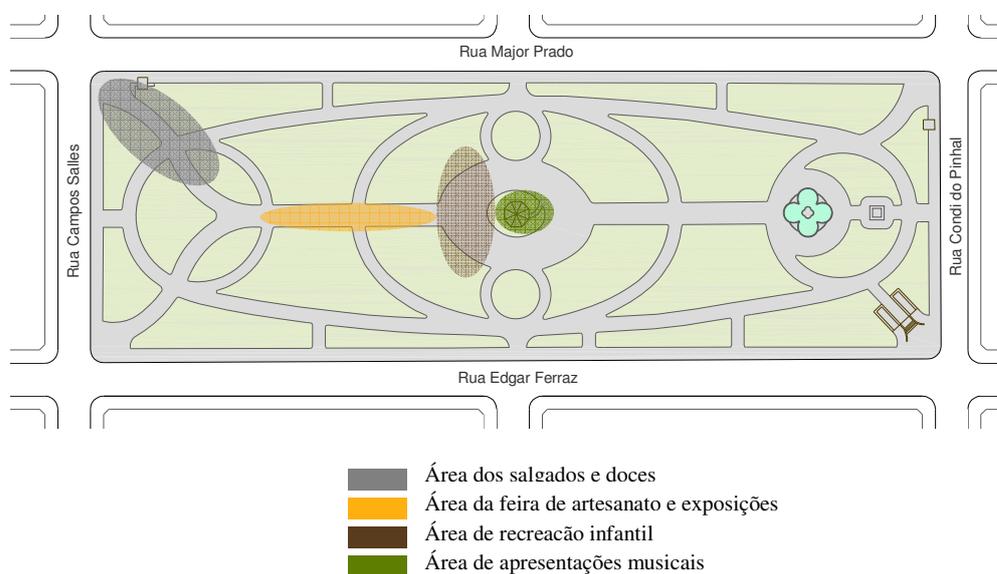


Figura 40: Áreas das Atividades na Praça da República.

Foto: Esquema idealizado por Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

A população que frequenta esse espaço livre de maneira geral engloba indivíduos de todas as idades, desde crianças a idosos. Estes são basicamente habitantes da cidade, passando na praça em direção ao trabalho e ou utilizando para o lazer, descanso, entretenimento e compras no centro da cidade.

Com a geração desses esquemas identifica-se o maior uso das áreas próximas às ruas Major Prado e Campos Salles, e também ao redor do coreto. Nas demais regiões foram verificadas quais os possíveis problemas para a não utilização dessas áreas.

A primeira avaliação foi em relação à baixa visibilidade do local, devido à densa vegetação, e à má manutenção da área do chafariz (fig. 41), que se encontra sujo e danificado. Os bancos e a iluminação também são deficientes ou inexistentes em alguns pontos. Na Prancha 10, é possível identificar que a maioria dos bancos que foram removidos se concentram no eixo central da praça, e em relação a iluminação está pode ser observada na Prancha 06.



Figura 41: Chafariz com a estátua do “Manequinho”.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu

5. Subsídios para o inventário da Praça da República

5. Subsídios para o inventário da Praça da República

Neste item serão apresentados os materiais referentes ao “Manual de intervenção em Jardins Históricos” disponibilizado pelo IPHAN, e também a “Ficha integral de inventariamento e registro para Paisagens Culturais” disponibilizada pelo ICOMOS – IFLA. Não serão abordadas as considerações disponibilizadas pelo CONDEPHAAT e a Prefeitura Municipal de Jahu, pois ambos não dispõem de fichas para inventariamento de jardins históricos.

O intuito deste tópico é apresentar todos os conteúdos que o IPHAN e ICOMOS-IFLA citam como necessários para o inventariamento do espaço em questão. Alguns destes itens foram levantados e serão apresentados, outros, como se verá, seriam para uma próxima etapa, a de elaboração do projeto paisagístico e todos os detalhes construtivos, que fogem ao escopo do presente trabalho, que se propõe a dar subsídios para a elaboração do inventário, revitalização e proposta de proteção como patrimônio cultural. Isso não exime, entretanto, que este trabalho apresente considerações para a revitalização da Praça da República, como será apresentado no item 6.

5.1. Inventário baseado no Manual de intervenção em Jardins Históricos (IPHAN)

O manual disponibilizado pelo IPHAN direciona todo o levantamento para uma análise física do projeto.

5.1.1. Itens necessários para o levantamento

1. Recomendação para a Elaboração e apresentação de projeto básico

1.1 – Vista ao Local

- Condições de Manutenção e de Conservação
- Condições de uso
 - A – Facilidades do usuário
 - B – Capacidade – suporte

1.2. Entrevistas

1.3. Levantamentos

- Levantamento Planialtimétrico
- Levantamento Cadastral e infra-estrutura
- Levantamento Florístico ou Botânico
- Levantamento Iconográfico
- Levantamento Fotográfico

1.4. Projeto de Intervenção

- 1.4.1.. Recomendações para elaboração e apresentação de projetos executivos
 - Memorial Descritivo
 - Plano Geral – Situação Existente
 - Plano Geral – Levantamento Florístico ou Botânico
 - Plano Geral – Remoção e Introdução de Espécies
 - Plano Geral – Sobreposição
 - Plano Geral – Implantação
 - Detalhes Construtivos
 - Plano Geral – Paisagismo
 - Plano Geral – Irrigação
 - Plano Geral – Iluminação
 - Plano Geral – Sinalização/ Programação Visual
 - Projetos Complementares (Sistema de Segurança)

5.1.2. O levantamento

Aqui serão expostos: o item 1.1., que se relacionam com as visitas realizadas a Praça da República, já que no decorrer deste trabalho muitas foram realizadas com o intuito de se verificar a situação em que a mesma se encontra; o item 1.2., entrevistas, para compreender como a população se identifica com o espaço; o item 1.3. Levantamentos e 1.4.

Projeto de Intervenção, somente foram apresentados os materiais referentes ao levantamento do local como: Levantamento Planialtimétrico de 1910; Levantamento Cadastral e infraestrutura de 1910 e 2009; Levantamento Florístico ou Botânico de 1910, 1990 e 2009; e algumas análises sobre as condições do repertório vegetal e dos elementos arquitetônicos presentes no espaço, já que estes são de grande importância para poder dar subsídios para a elaboração do inventário, revitalização e proposta de proteção como patrimônio cultural.

Os demais itens, que se relacionam com o projeto executivo (Plano Geral – Implantação; Detalhes Construtivos; Plano Geral – Paisagismo; Plano Geral – Irrigação; Plano Geral – Iluminação; Plano Geral – Sinalização/ Programação Visual; Projetos Complementares (Sistema de Segurança)), não serão apresentados aqui, já que estes itens fogem do escopo deste trabalho.

1. Recomendação para a Elaboração e apresentação de projeto básico

1.1 – Vista ao Local

- Condições de Manutenção e de Conservação

Após várias visitas realizadas a Praça da República ou Jardim do Largo do Theatro, denominado assim antes da década de 1950, observou-se vários pontos precários neste espaço. Inicialmente pode-se apontar a falta de lixeiras e postes de iluminação, também observa-se que em vários pontos da praça algumas luminárias estão quebradas (fig. 42). Em relação às lixeiras, a falta de padronização e de locais mais visíveis para a população é evidente (fig. 43).



Figura 42: Banco de ferro, próximo ao chafariz.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.



Figura 43: Lixeiras existentes na Praça da República.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

Além desses equipamentos, verificou-se que alguns bancos estão quebrados e também houve a subtração de alguns. Dentro da praça pode-se identificar 3 tipos de bancos. O primeiro foi implantado na criação da praça. Em fotografias de época observa-se que esses bancos somente se concentravam no eixo central da praça. Por volta da década de 1950 mais bancos foram acrescentados à praça, em locais que anteriormente não se tinha

(fig. 44). E por volta da década de 1980, foram colocados mais dois bancos na entrada voltada para a Rua Campos Sales. Os bancos mais danificados são os de ferro (fig.42), localizados na porção do chafariz próximo aos banheiros.



Figura 44: Bancos da praça na seqüência: Banco de cimento e granilite, Banco de ferro e Banco de cimento.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

Em relação ao piso e caminhos da praça, esses estão em uma situação regular. É possível em alguns pontos da praça identificar pisos quebrados e alguns buracos. O piso originalmente foi feito de ladrilho hidráulico e esse continua até hoje.

Os pontos que necessitam de maior atenção estão relacionados a arborização, a composição vegetal dos canteiros, o chafariz e o coreto. As árvores estão sem poda, atrapalhando a visão e deixando o local escuro, com pouca entrada de luz (fig. 45). Os canteiros estão bem ajardinados, mas também precisando de poda e melhor adubação. Alguns desses canteiros estão sem grama ou forração ocasionando acúmulo de sujeira (fig. 46).



Figura 45: No período noturno essas áreas ficam bem mais sombrias, devido a falta de poda e de uma melhor iluminação.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.



Figura 46: Canteiro com a grama danificada e sujeira dos canteiros no piso.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

Em relação ao coreto, as condições são precárias, desde a infra-estrutura até a cobertura (fig. 47). O coreto precisa de uma melhor atenção já que semanalmente tocam bandas de várias cidades da região.



Figura 47: No coreto observa-se que a parte da cobertura e a parte elétrica estão em condições precárias.

Foto: Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

- Condições de uso

Em relação ao uso, a praça abriga funções de permanência e passagem, além de sua utilização para eventos artesanais, infantis, musicais e datas comemorativas.

A – Facilidades do usuário

A praça se localiza no centro da cidade de Jahu, possuindo em seu entorno comércio de vários seguimentos, como lanchonetes, cafeterias, farmácias, lojas de conveniências, etc. Todos esses atrativos fazem com que a Praça da República seja freqüentada todas as horas do dia.

B – Capacidade – suporte

Esse espaço livre suporta de maneira satisfatória toda a população que se utiliza deste espaço.

1.2. Entrevistas:

Foram realizadas nos dias 20 e 31 de setembro de 2009 entrevistas com a população de Jahu, freqüentadores da Praça da República e também funcionários municipais

que cuidam da manutenção relacionada à limpeza (varredura do piso diariamente) e cuidados com o jardim (irrigação dos canteiros e limpeza).

Em relação à entrevista com a população, essa foi enfática em afirmar que a praça é um ponto de encontro importante para a comunidade jahuense, e que este espaço necessita de maiores cuidados como poda das árvores, cuidados com os canteiros, reforma no coreto e chafariz, maior iluminação e conserto dos bancos quebrados.

Já os funcionários que cuidam do espaço, pediram uma melhor atenção em relação à poda das árvores e canteiros, e até mesmo uma melhor fiscalização do espaço, pois eles indagam que os consertos devem ser realizados, mas vândalos podem destruir todo trabalho realizado.

1.3. Levantamentos:

1.3.1. Situação da Praça da República na década de 1910

- Levantamento Planialtimétrico – Prancha 01

Apesar das informações do levantamento planialtimétrico terem sido digitalizadas, tal arquivo se extraviou, como foi relatado pelo funcionário da Secretaria de Planejamento de Obras, Eng. Civil Linneu Tamanini Machado. Devido ao fato, somente alguns pontos puderam ser mapeados, o que possibilita apenas uma noção da situação topográfica da praça, que se localiza próxima ao Rio Jahu.

- Levantamento Cadastral e de infra-estrutura em 1910 – Prancha 02

O levantamento da infra-estrutura de 1910, que será apresentado neste item, foi baseado em fotos da época e também através do levantamento de campo realizado no decurso deste trabalho.

- Levantamento Florístico ou Botânico em 1910 – Prancha 03, 04 e 05

O levantamento florístico ou botânico foi realizado em duas etapas. Inicialmente com a identificação das espécies utilizadas na formulação da Praça da

República em 1910, e como esta vegetação se encontra nos dias atuais (vide item 1.4). Foi realizado um levantamento florístico (arbóreo e arbustivo) na década de 1990, pelo Eng. Coordenador Antônio Carlos Ferreira Dias e sua equipe⁵¹.

- Levantamento Iconográfico

O levantamento iconográfico foi realizado junto ao Museu Municipal de Jahu, a Prefeitura Municipal de Jahu e ao Centro de Documentação, já exposto no item 2.5.2., e também presente nas pranchas 01, 02, 03, 04 e 05.

- Levantamento Fotográfico

O levantamento fotográfico foi realizados por Giovanna Carraro Maia Machado, entre os meses de julho a agosto de 2009, e também presentes nas pranchas 01, 02, 03, 04 e 05.

1.3.2. Situação da Praça da República em 2009

- Levantamento Cadastral e da infra-estrutura em 2009 – Prancha 06

Levantamento realizado por Giovanna Carraro Maia Machado.

- Levantamento Florístico ou Botânico em 2009 – Prancha 07

Levantamento das espécies arbóreas existentes nos dias atuais, realizado por Giovanna Carraro Maia Machado, atualizando o levantamento realizado pelo Eng. Coordenador Antônio Carlos Ferreira Dias, em 1990.

- Levantamento Florístico ou Botânico em 2009 – Prancha 08

Levantamento das espécies arbustivas existentes nos dias atuais, realizado por Giovanna Carraro Maia Machado, atualizando o levantamento realizado pelo Eng. Coordenador Antônio Carlos Ferreira Dias, em 1990.

⁵¹ Equipe da Secretaria de Obras e Planejamento na década de 1990: Arquiteto Paulo Roberto Masseram, Engenheiro Agrimensor Hugo Muneratto Neto, Eng. Civil José Carlos Marangoni, Eng. Civil Carlos Roberto de Souza Gomes, na década de 1990.

- Levantamento da Remoção e Introdução de Espécies em 2009 – Prancha 09

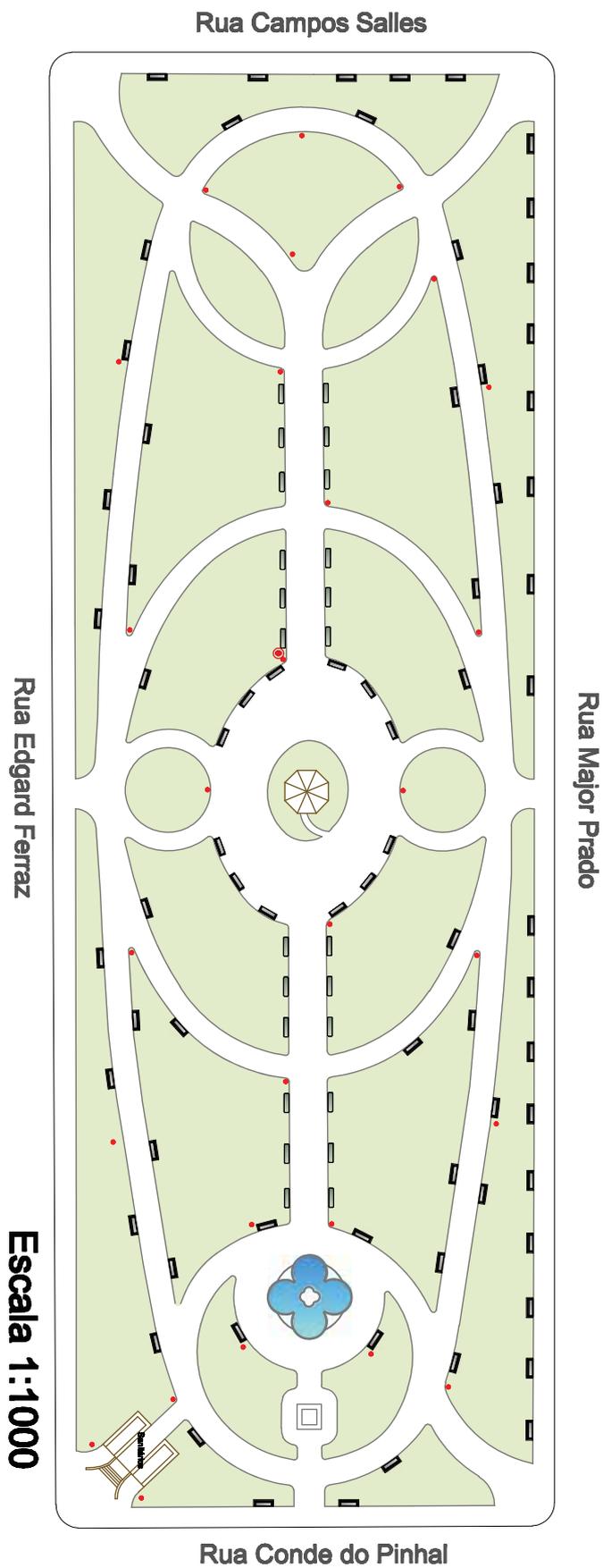
Cruzamento de informações referentes à introdução e remoção das espécies arbóreas no decorrer do tempo, com o objetivo de observar quais das espécies arbóreas presentes no projeto original ainda se encontram atualmente na praça.

- Levantamento da Remoção dos Bancos Originais em 2009 – Prancha 10

Cruzamento de informações referentes à remoção dos bancos originais no decorrer do tempo, com o objetivo de observar quais bancos originais ainda se encontram atualmente na praça.



**PRAÇA DA REPÚBLICA OU LARGO DO THEATRO
PRANCHA 01 - Levantamento Planialtimétrico**



PRAÇA DA REPÚBLICA OU LARGO DO THEATRO
 Prancha 02 - Levantamento da Infra-estrutura - 1910



Lado com a Rua Edgard Ferraz

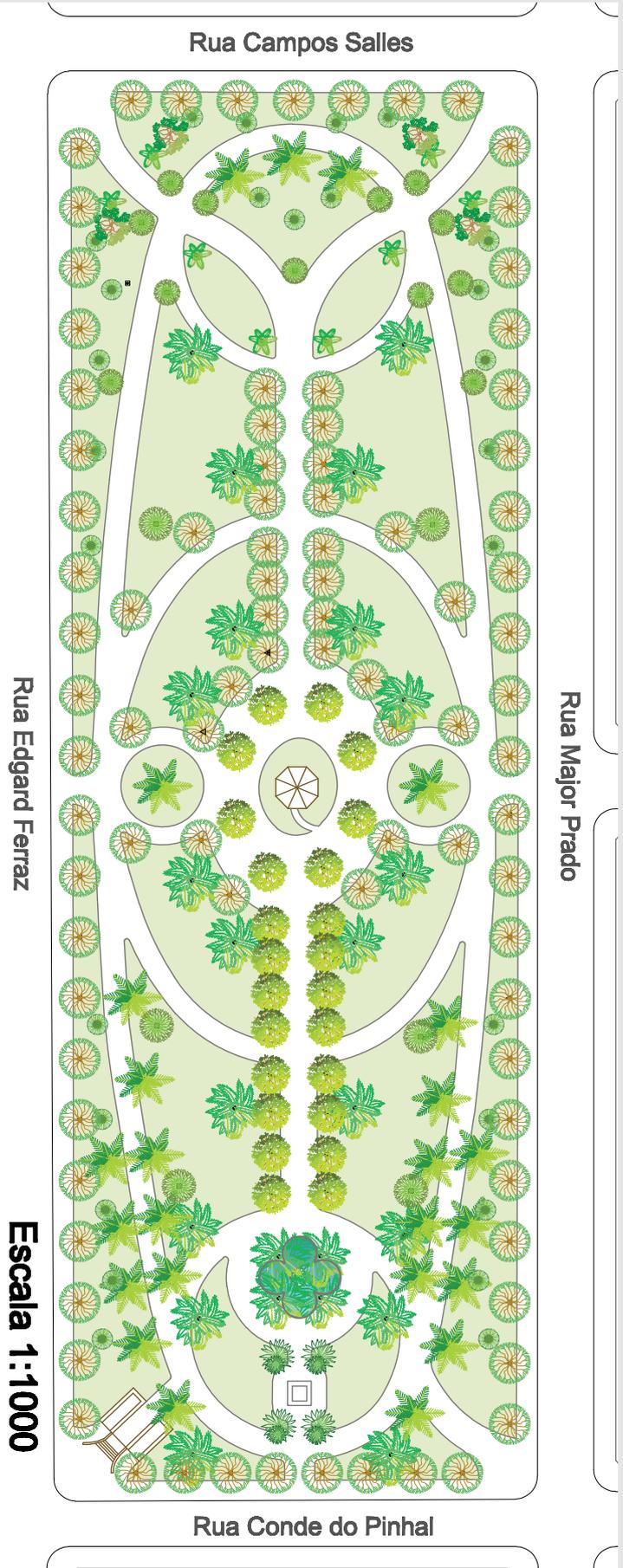


Fonte do Theatro

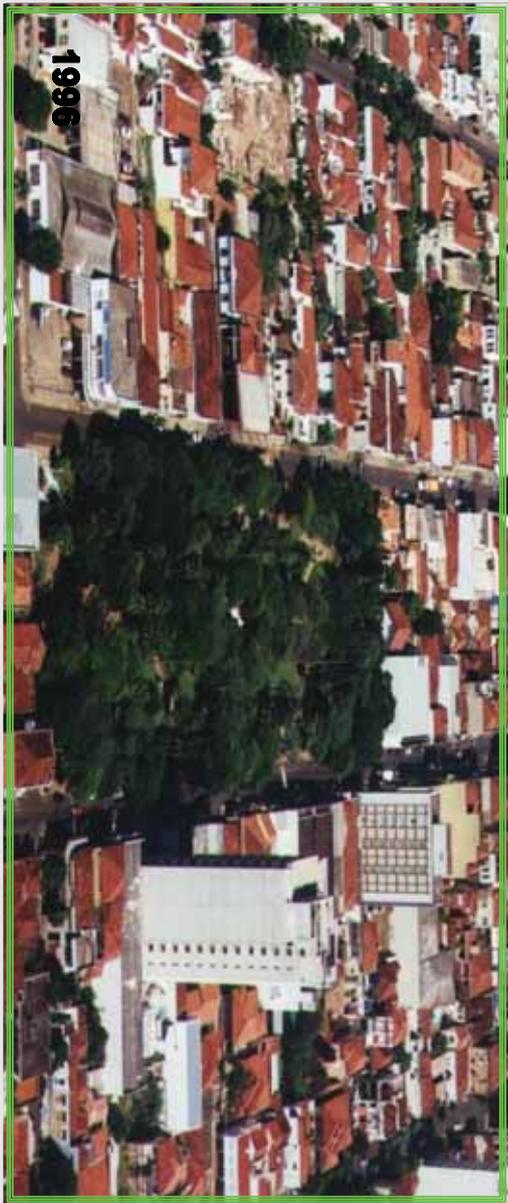


Eixo central

Símbolo	Nome Popular	Nome Científico
	Palmeira Imperial	<i>Roystonea elaeagnis</i>
	Pinheiro	<i>Chorizanthe citrifolia</i>
	Árvore de Chapéu	<i>Albizia glabra</i>
	Aracêda	<i>Arundo donax</i>
	Palmeira Larga	<i>Latania elaeagnis</i>
	Carvalho	<i>Carya mollis</i>
	Lagartão	<i>Ligustrum japonicum</i>
	Quaresma	<i>Quercus sp.</i>
	Fúlia	<i>Asplenium nidus</i>
	Cará	<i>Canna variabilis</i>
	Quaresma	—



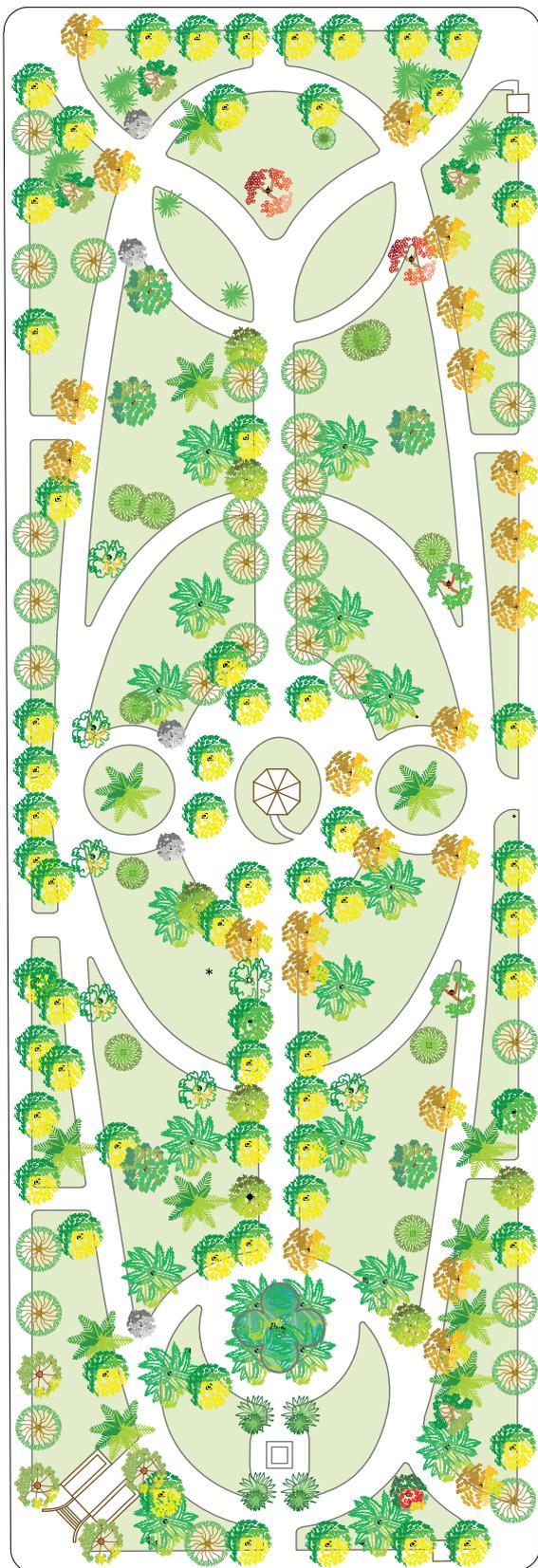
PRAÇA DA REPÚBLICA OU LARGO DO THEATRO
 Prancha 03 - Levantamento Florístico ou Botânico - 1910



1996

Rua Edgard Ferraz

Escala 1:1000



Rua Campos Salles

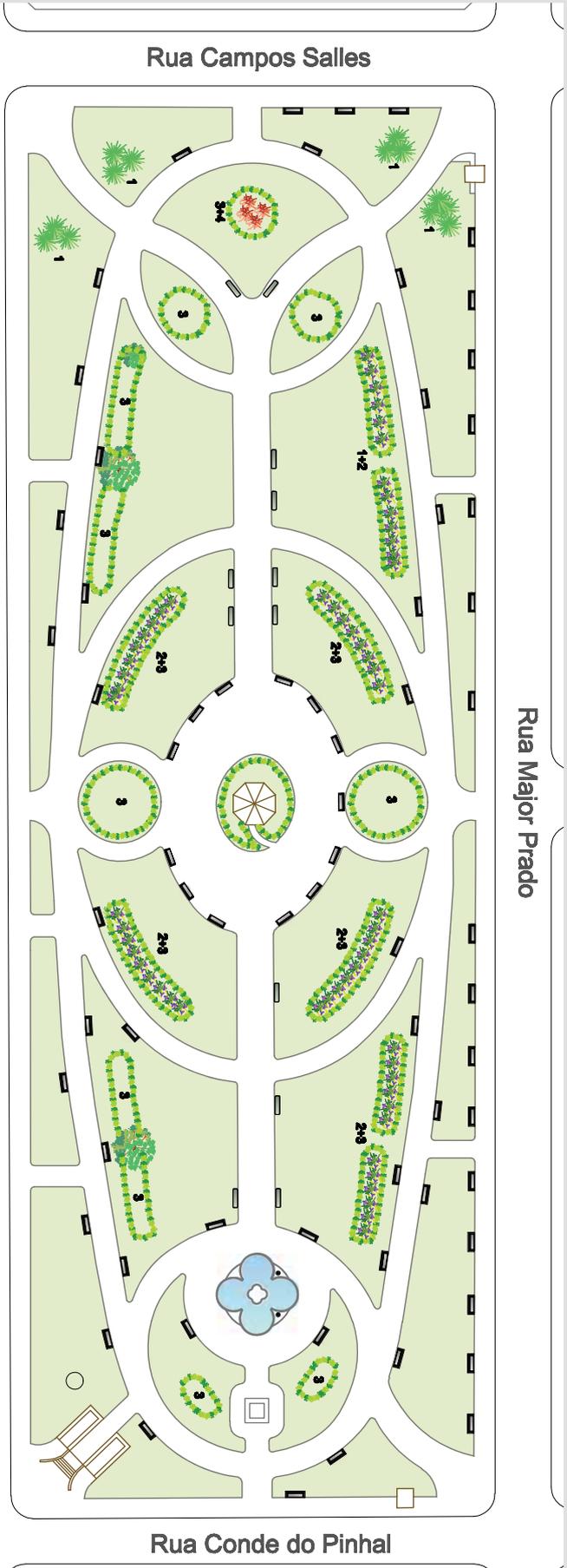
Rua Major Prado

Rua Conde do Pinhal

Simbologia	Nome Popular	Nome Científico
	Nereis Populifera	<i>Populus alba</i>
	Pinheiro	<i>Chamaecyparis obtusa</i>
	Azeiteira da Campina	<i>Ficus religiosa</i>
	Azeiteira	<i>Albizia julibrissin</i>
	Palmeira Langua	<i>Latania orbiculata</i>
	Caroba	<i>Cordia alliodora</i>
	Ligustro	<i>Ligustrum japonicum</i>
	Cipreste	<i>Cupressus sp.</i>
	Rala	<i>Rapido excelsa</i>
	Carobinha	<i>Acacia saligna</i>
	Salsipareda	<i>Casearia paspalodes</i>

Simbologia	Nome Popular	Nome Científico
	Tiquina	<i>Tiquina sp.</i>
	Espadilha	<i>Spathoglottis corymbosa</i>
	Cereia	<i>Cereia sp.</i>
	Azeiteira	<i>Albizia julibrissin</i>
	Falso Chade	<i>Schinus molle</i>
	Ficus sp.	<i>Dioscorea sp.</i>
	Anacardium	<i>Dioscorea sp.</i>
	Jil Basso	<i>Tillandsia usneoides</i>
	Oxi	<i>Lantana camara</i>
	Falso Pinheiro	<i>Casearia paspalodes</i>
	Espadilha	<i>Spathoglottis corymbosa</i>

PRAÇA DA REPÚBLICA OU LARGO DO THEATRO
Prancha 04 - Levantamento Florístico ou Botânico - 1996



Rua Edgard Ferraz

Escala 1:1000



Canteiro próximo ao coreto -
Pingo-de-ouro com azaleia



Canteiro próximo ao coreto

Simbologia	Nome Popular	Nome Científico
1	Areca Bambu	<i>Dyasis liliaceans</i>
2	Azaleia	<i>Rhododendron simml</i>
3	Pingo de Ouro	<i>Duranta repens aurea</i>
4	Maerua	<i>Chorizanthe setacea</i>
5	Grama	—



Banco de Ferro



Banco de Cimento



Coreto
Iluminação Original

Baladeiro

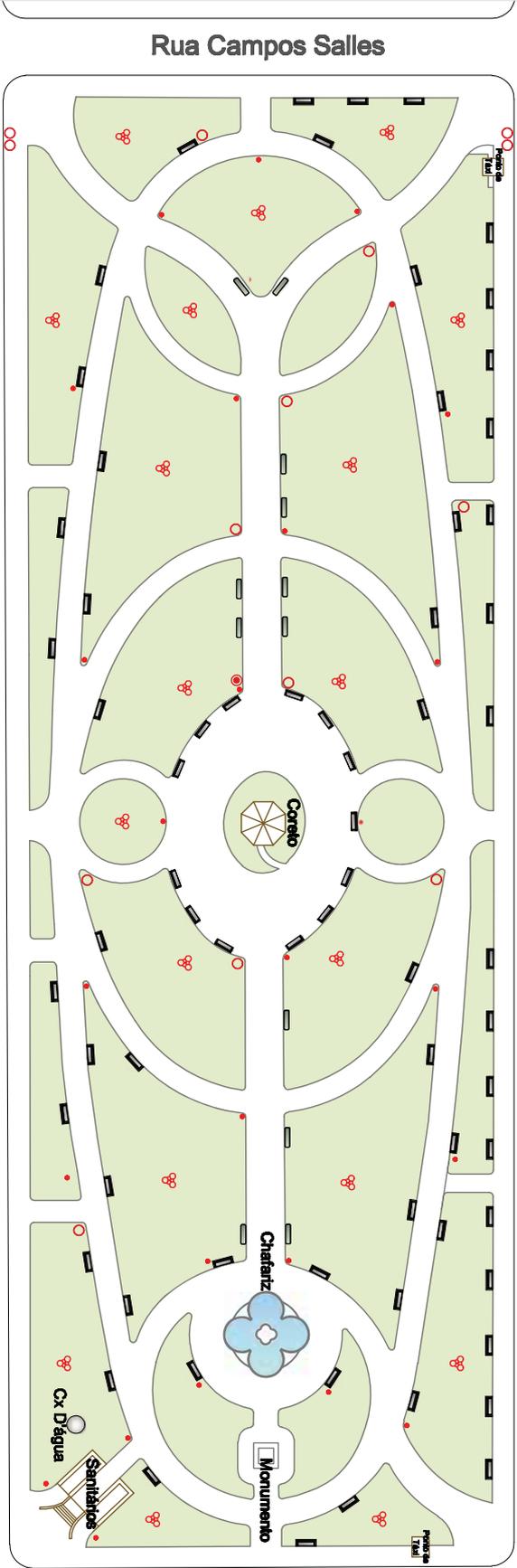


Iluminação Auxiliar



Lixeira

Simbologia	Equipamento	Quantidade
	Banco de Cimento / Concreto	12
	Banco de Ferro	70
	Iluminação Original	27
	Iluminação Auxiliar	16
	Lixeira	10
	Baladeiro	01



Rua Edgard Ferraz

Escala 1:1000

PRAÇA DA REPÚBLICA OU LARGO DO THEATRO
Prancha 06 - Levantamento da Infra-estrutura de 2009



Maranta

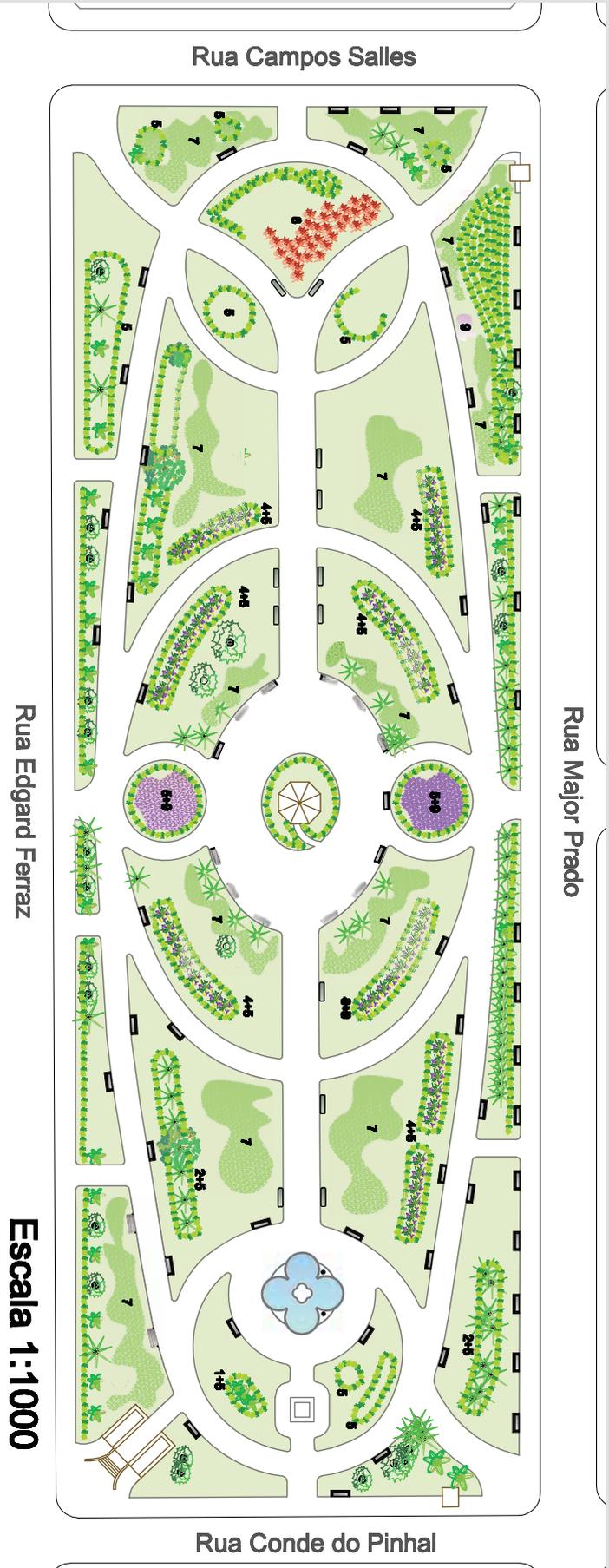


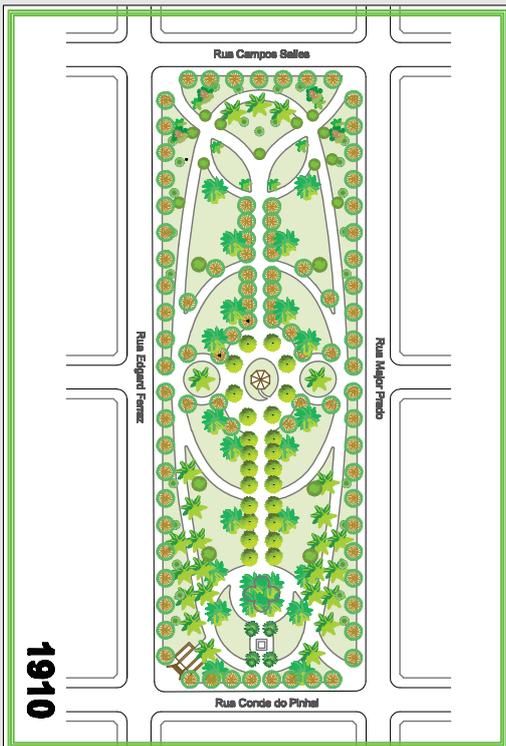
Sida



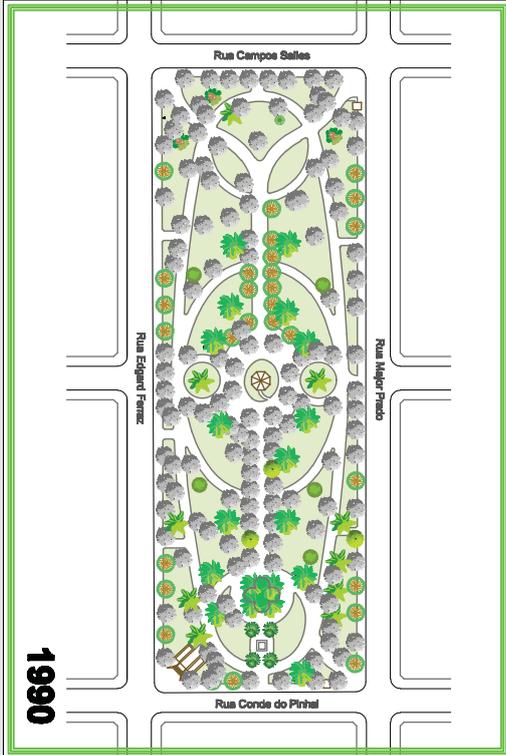
Cica, Arca-bambu e Pingo de ouro

Símbolo	Nome Popular	Nome Científico
1	Chia	Cyrtus rotunda
2	Funk	Phytolacca rubra
3	Washingtonia	Washingtonia robusta
4	Asa-de-bala	Rhododendron arboreum
5	Pingo de Ouro	Duranta innoxia altissima
6	Nanana	Ceanothus ciliatus
7	Sida	Sida sp. Sida sp.
8	Zabala	Thibaudia zabalii
9	Não identificado	—
10	Outros	—





1910

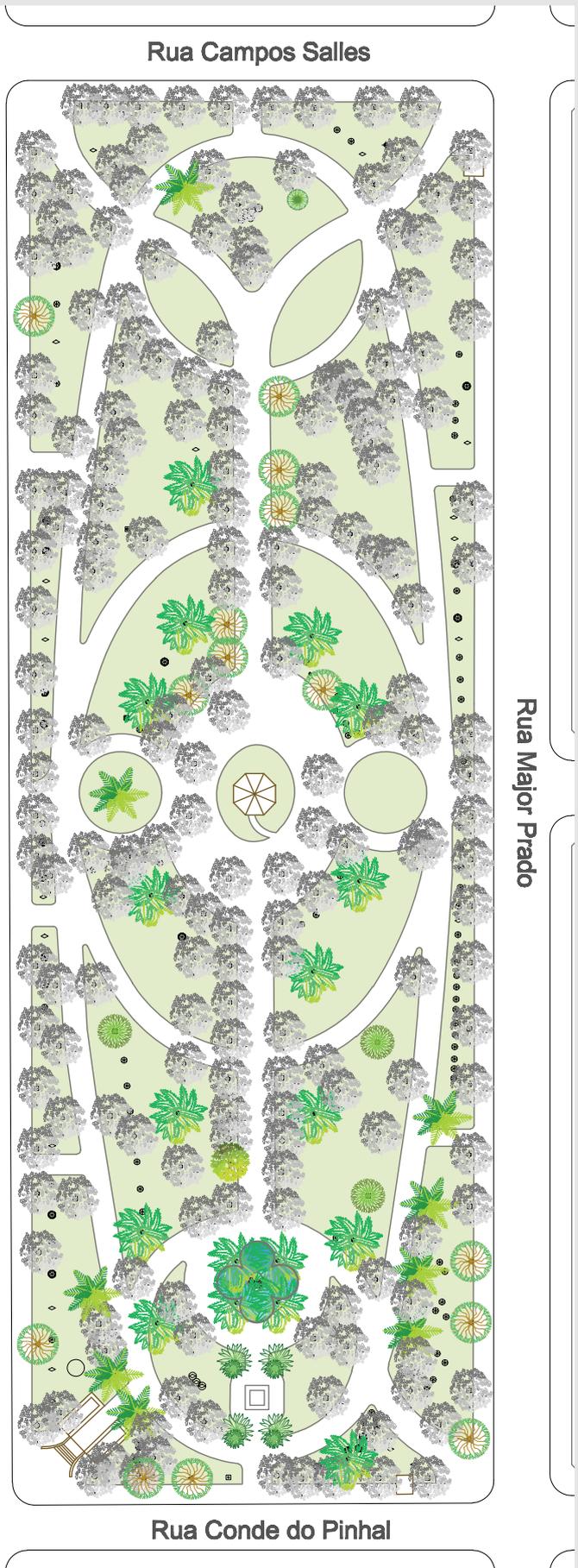


1990

Simbologia	Nome Popular	Nome Científico
	Pinheiro Imperial	Pinus stricta
	Pinhão	Chamaecyparis obtusa
	Árvore de Castilhos	Halepensis grandiflora
	Amendoim	Albizia adonissifolia
	Pinheiro Lápida	Larix laricina
	Carvalho	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Palmeira	Roystonea sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.
	Quercus	Quercus sp.

Rua Edgard Ferraz

Escala 1:1000



Rua Major Prado

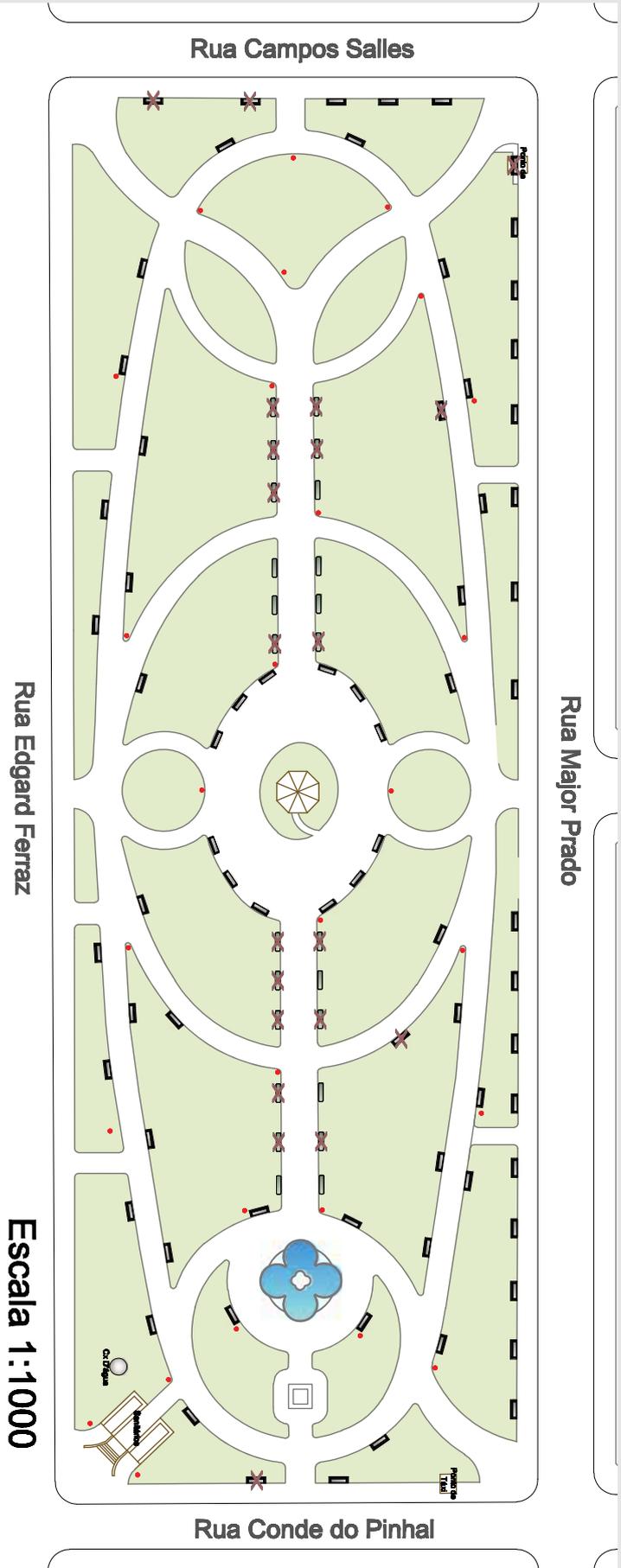
Rua Conde do Pinhal



Apenas 1 dos 3 bancos originais



Banco de Ferro Danificado



Simbologia	Equipamentos	Quantidade
▬	Banco Original de Cimento / Granilite	09
▬	Banco Original de Ferro	70
●	Iluminação Original	27
⊙	Babeduro	01
✕	Banco Refeito	21

PRAÇA DA REPÚBLICA OU LARGO DO THEATRO
Prancha 10 - Bancos removidos em 2009

5.2. Inventário baseado na Ficha integral de inventariamento e registro para Paisagens Culturais (ICOMOS – IFLA)

Esta ficha se encontra disponível em espanhol, inglês e francês⁵², Apresenta-se a seguir a tradução da ficha a partir do original em espanhol⁵³, mantendo nesta primeira análise, a mesma numeração disposta na ficha original.

5.2.1. Itens necessários para levantamentos

1.0. Nome/Localização/Acesso:

- 1.1. Nome Atual:
- 1.2. Nome Original:
- 1.3. Nome Popular (se existir algum):
- 1.4. Endereço:
- 1.5. Localização no Mapa:
- 1.6. Coordenadas Geográficas:
- 1.7. Área e Limites:
- 1.8. Acesso e meios de transporte:
- 1.9. Visitas/Horários/tarifa de entrada/grupos/visitas guiadas:
- 1.10. Instalações:
- 1.11. Eventos:

2.0. Questões Legais

- 2.1. Regime de propriedade (Responsável pela Administração, informar também, se alguma área sem a administração de entidades particulares):
- 2.2. Nome Completo do Dono (Público, privado a empresa):
- 2.3. Responsável pela manutenção:
- 2.4. Proteção legal (incluindo planos urbanos):
- 2.5. Organização publica ou privada trabalhando no sítio:

⁵² Disponível em: <<http://www.monumenta.gov.br/upload> > Acessado em: 25/03/2009.

⁵³ Tradução livre realizada por Giovanna Carraro Maia Machado. As palavras que estão entre parênteses é por que não se encontrou ou não se teve a certeza na tradução.

3.0. Categoria/tipologia da Paisagem Cultural (Para maiores informações, por favor consultar o Anexo 3 das Diretrizes Operacionais da UNESCO)

3.1. Um desenho da paisagem e criado intencionalmente pelo homem (parque, horto, jardim recreativo, largo, praça, cemitério, passeio, pátio...):

3.1.a. Jardim (tipo):

3.1.b. Parque (tipo):

3.1.c. Jardins relacionados a construções monumentais e/ou conjuntos descrição/detalhes:

3.2. Paisagem orgânicas evolutivas:

3.2.a. “*Paisajes relicto*” (fosseis) Descrição/Detalhes:

3.2.b. “*Paisajes evolutivos*” Descrição/Detalhes:

3.3. Paisagem cultural associado (conectado com elementos religiosos / culturais naturais / outros / associações):

4.0. História:

4.1. Uso original, sucessivo e presente:

4.2. Data/Construções iniciais mais antigas e data da inauguração:

4.3. Proprietários originais:

4.4. Usos originais e sucessivos:

4.5. Autor (a) (arquiteto, paisagista, jardineiro, proprietário e sua biografia):

4.6. Datas das sucessivas modificações das atribuições originais:

4.7. Personalidades Históricas “*y/o sobresalientes involucradas*”:

5.0. Descrição Geral

5.1. Meio Ambiente:

5.1.1. Urbano/arredores/rural/agrícola/lazer/arqueológico/outros:

5.1.2. Características gerais da paisagem:

5.1.3. Descrição das condições do meio ambiente (temperatura, clima, umidade, ventos, incidência do sol...):

5.2. Características geográficas (vegetação, fauna, topografia, região, geologia, ecossistema, degradação do ambiente...):

- 5.3. Topografia do lugar (natural, realçada, forma da terra, terraplanagem):
- 5.4. Caso de jardim (estilo original e presente):
- 5.5. Ruas, passeios, “*sendas*”, acessos de pedestres, “*mecânicos*” (desenho, tipo, pavimentação):
- 5.6. Elementos arquitetônicos:
- 5.7. Vegetação (bosques naturais/ plantações: árvores, arbustos, bosques, cercas vivas, espécies específicas...):
- 5.8. Água (rios, lagos, fluentes, canais, sistemas de drenagem):
- 5.9. Perspectivas/Panoramas/Vistas/Sítios de interesse:
- 5.10. Esculturas e peças de arte:
- 5.11. Sistema de Iluminação:
- 5.12. Mobiliário:
- 5.13. Placas de Orientação:
- 5.14. Vagas/ limites:
- 5.15. Fauna selvagem/criada:
- 5.16. Estado (excelente, bom, aceitável, deteriorado, em risco, alterado):
- 6.0. Características:
 - 6.1. Tangíveis (marco, patrimônio geográfico, botânico, ecológico, arqueológico, étnico, vivo, qualidade do espaço, outro):
 - 6.2. Intangíveis (significado histórico, religioso, místico, social, outros):
 - 6.3. Crenças, cultos, rituais tradicionais, rituais associativos:
 - 6.4. População, etnias:
 - 6.5. Idiomas e dialetos: Português
 - 6.6. Atividades sociais e econômicas:
 - 6.7. Autenticidade:
 - 6.8. Universalidade:
 - 6.9. Atrilada o como parte de uma rua temática:
- 7.0. Critérios de seleção e valorização:
- 8.0. Adjuntos:

- A. Planos atualizados:
 - B. Fotografias atualizadas:
 - C. Documentos históricos gráficos (desenhos, pinturas, fotografias, artigos literários...)
 - D. Bibliografia (geral, específica, guiada):
- 9.0. Informação sobre o entrevistador:
Nome, domicílio, correio eletrônico, telefone, responsabilidade, localização, profissional, etc.
10. Data da confecção da ficha

5.2.2. O levantamento

1.0. Nome/Localização/Acesso:

Praça da República / Cidade de Jaú, São Paulo, Brasil / Quadra formada pelas Ruas Major Prado, Campos Salles, Edgard Ferraz e Conde do Pinhal (antiga Travessa Municipal).

1.1. Nome Atual:

Praça da República

1.2. Nome Original:

Jardim do Largo do Theatro

1.3. Nome Popular:

Praça do Peixinho ou Jardim de Baixo

1.4. Endereço:

Entre as ruas: Major Pardo, Campos Salles, Edgard Ferraz e Conde do Pinhal.

1.5. Localização no Mapa:

Arquivo PDF

1.6. Coordenadas Geográficas:

Observar nos planos atualizados.

1.7. Área e Limites:

Observar nos planos atualizados.

1.8. Acesso e meios de transporte:

As quatro ruas que compõe as laterais da praça podem transitar livremente motos, carros, caminhões e ônibus. Os pedestres possuem passagem livre em toda a extensão da praça através de caminhos e vielas.

1.9. Visitas/Horários/tarifa de entrada/grupos/visitas guiadas:

Espaço Livre Público Aberto

1.10. Instalações

Dentro do espaço existem banheiros, bancos e o coreto que serve de palco para eventos musicais e teatrais.

1.11. Eventos:

Feiras, Quermesses, Musicais, Natalinos / eventos abertos ao público / sem limite de pessoas.

2.0. Questões Legais

2.1. Regime de propriedade:

Proprietário Prefeitura Municipal de Jahu.

2.2. Nome Completo do Dono:

Prefeitura Municipal de Jahu.

2.3. Responsável pela manutenção:

Funcionários Públicos da Prefeitura Municipal de Jahu

2.4. Proteção legal:

Não existe

2.5. Organização publica ou privada trabalhando no sítio:

Não existe

3.0. Categoria/tipologia da Paisagem Cultural

3.1. Um desenho da paisagem e criado intencionalmente pelo homem:

3.1.a. Jardim (tipo):

Semelhante às Praças e Jardins do Oeste Paulista, levantados na Pesquisa do Projeto Temático FAPESP (vide item 1.5., pg. 23, deste Trabalho).

3.1.b. Parque (tipo):

3.1.c. Jardins relacionados a construções monumentais e/ou conjuntos descrição/detalhes:

Inserido no Patrimônio Original do Município de Jahu e cercado por vários edifícios históricos

3.2. Paisagem orgânicos evolutivos:

3.2.a. Paisagem Arqueológica:

Não possui.

3.2.b. Paisagem Evolutiva:

Não possui.

3.3. Paisagem cultural associado:

Existem eventos comunitários e festivos nesse espaço livre.

4.0. História:

4.1. Uso original, sucessivo e presente:

Espaço Público destinado a área de lazer e espaço cultural da cidade.

4.2. Data/Construções iniciais mais antigas e data da inauguração:

Data a serem verificadas.

4.3. Proprietários originais:

Verificar

4.4. Usos originais e sucessivos:

Inicialmente destinado a eventos musicais no coreto, atualmente, além do antigo uso, utiliza-se para feiras e quermesses, além de festividades como o Natal e o carnaval.

4.5. Autor (a):

João Ribeiro da Silva

4.6. Datas das sucessivas modificações das atribuições originais:

Não identificado.

4.7. Personalidades Históricas e/o “sobresalientes involucradas”:

Não identificado.

5.0. Descrição Geral

5.1. Meio Ambiente:

5.1.1. Urbano / arredores / rural / agrícola / lazer / arqueológico / outros:

Meio Urbano

5.1.2. Características gerais da paisagem:

Espaço Livre inserido dentro do patrimônio original da Cidade de Jaú.

5.1.3. Descrição das condições do meio ambiente:

O espaço público é cercado por edificações de médio e grande porte, gerando um ambiente parcialmente fechado, há incidência solar em todas as partes da praça, onde o ambiente é agradável, devido a sua grande área arborizada.

5.2. Características geográficas:

Na década de 1900, a Praça da República era circundada pelas residências da elite jauense. Atualmente o entorno da praça é caracterizado pelo comércio.

5.3. Topografia do lugar:

Terreno não natural, realizado terraplanagem para o nivelamento do terreno, e logo após a formulação de “morrotes”, para realçar pontos da praça.

5.4. Caso de jardim:

O jardim se encontra com a maioria das características originais, como o traçado e algumas espécies vegetais. As modificações consistem na introdução de algumas espécies que não constam no projeto original.

5.5. Ruas, passeios, caminhos, acessos de pedestres:

Os passeios internos são compostos de ladrilhos hidráulicos e algumas partes de cascalho compactado.

5.6. Elementos arquitetônicos:

Possui um coreto, um chafariz e um monumento.

5.7. Vegetação:

Vide Pranchas 07 e 08 (item 5.2.1.)

5.8. Água:

Chafariz em formato de rosácea de 4 pétalas, com um menino denominado de “Manequinho”.

5.9. Perspectivas/Panoramas/Vistas/Sítios de interesse:

Vide fotos nas pranchas 01, 02, 03 e 04.

5.10. Esculturas e peças de arte:

O menino “Manequinho” do Chafariz. (vide prancha 03)

5.11. Sistema de Iluminação:

Possui luminárias da década de 1900 e luminárias implantadas atualmente (vide prancha 02)

5.12. Mobiliário:

Existem bancos de 3 tipos. Bancos de cimento e granilite (implantados na formulação da praça), bancos de ferro (provavelmente instalados na década de 1950) e bancos de cimento (implantados na década de 1990) (vide prancha 02).

5.13. Placas de Orientação:

Inexistentes.

5.14. Vagas/ limites:

No entorno da praça é possível estacionar carros, táxis, caminhões de pequeno porte e motocicletas.

5.15. Fauna selvagem/criada:

Não possui fauna, apenas presença de pássaros livres.

5.16. Estado:

Possui algumas áreas alteradas e algumas em condições precárias.

6.0. Características:

6.1. Tangíveis:

Patrimônio Original da formação da Cidade de Jaú.

6.2. Intangíveis:

Significado histórico.

6.3. Crenças, cultos, rituais tradicionais, rituais associativos:

Bancas Musicais.

6.4. População, etnias:

Não identificadas.

6.5. Idiomas e dialetos:

Português

6.6. Atividades sociais e econômicas:

Não identificadas.

6.7. Autenticidade:

Não identificada.

6.8. Universalidade:

Não identificada.

6.9. Faz parte de uma Rua Temática:

Está inserida no Corredor Histórico da cidade de Jahu.

7.0. Critérios de seleção e valorização:

Os critérios adotados para a seleção foram tomados a partir de considerações referentes a riqueza de informações referentes à sua história, assim como por sua importância no contexto histórico da expansão cafeeira no Oeste Paulista, juntamente com a estrada de ferro.

8.0. Adjuntos:

A. Planos atualizados:

Vide item 5.2.1. deste trabalho

B. Fotografias atualizadas:

Estão presentes ao longo deste trabalho.

C. Documentos históricos gráficos:

Inseridas no final deste trabalho na “Referencias Bibliográficas”

D. Bibliografia:

Inseridas no final deste trabalho na “Referencias Bibliográficas”

9.0. Informação sobre o entrevistador:

Giovanna Carraro Maia Machado, Rua Nelson Ferraz Navarro, nº 110, Bairro Jardim Nova Jaú – Jaú/SP.

10. Data da confecção da ficha

02 de Outubro de 2009.

**6. Considerações para a revitalização da
Praça da República baseado na pesquisa
realizada**

6. Considerações para a revitalização da Praça da República baseada na pesquisa realizada

Como se pode apreender nos itens das fichas de inventariamento anteriormente expostas, o “Manual de intervenção em Jardins Históricos” do IPHAN enfatiza um levantamento físico do espaço, enquanto a “Ficha integral de inventariamento e registro para Paisagens Culturais” do ICOMOS-IFLA enfatiza uma abordagem histórica. Ambas se complementam e, por este motivo, foram adotadas para se mostrar como poderia ser conduzido o inventariamento da Praça da República, objeto de estudo do presente trabalho. Como salientado anteriormente, nem todos os itens foram levantados. Na ficha do IPHAN, por exemplo, os últimos itens se referem aos dados para a realização do projeto paisagístico e seus detalhes construtivos, item que foge ao escopo deste trabalho. Isso não exime o trabalho, entretanto, de traçar considerações para a elaboração do projeto e conseqüente revitalização da Praça da República baseada na pesquisa realizada, como será apresentado a seguir.

O levantamento da história da cidade de Jahu, e a identificação dessas “praças ajardinadas” no patrimônio original da cidade, mostraram a importância desses espaços para o município, direcionando este trabalho para a Praça da República. A escolha dessa praça se deu principalmente pela conservação de seu desenho original e pelo seu uso.

O levantamento físico apontou algumas condições para a revitalização do espaço. Inicialmente os elementos que permanecem quase que inalterados estão relacionados à infra-estrutura e ao desenho. Em relação ao desenho, apenas 6 caminhos foram abertos para facilitar a passagem e transposição da praça no sentido transversal e longitudinal (fig. 48 e 49), não alterando substancialmente a concepção original da praça. Os equipamentos públicos, como bancos, iluminação, coreto, fonte, monumento e sanitários, foram sendo danificados pelo uso e pelo tempo. Alguns desses elementos foram suprimidos totalmente, como alguns bancos de cimento/granilite e de ferro fundido (vide Prancha 10).

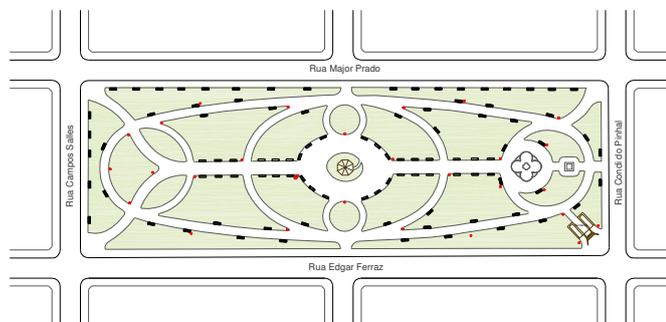


Figura 48: Desenho original da Praça da República - 1910

Foto: Esquema idealizado por Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

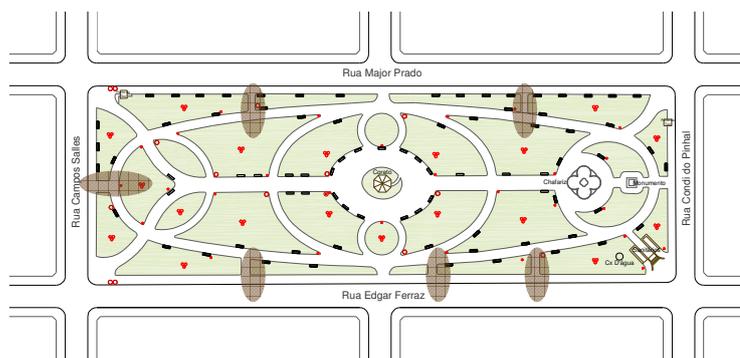


Figura 49: Em destaque (marrom) os acessos abertos, desenho da Praça da República nos dias atuais.

Foto: Esquema idealizado por Giovanna Carraro Maia Machado, 2009.

Com relação ao repertório vegetal da praça, existem apenas algumas espécies do repertório utilizado originalmente. Em 1910, a praça era composta basicamente por espécies arbóreas, algumas arbustivas em topiaria, com ciprestres, e grama. Ao longo do tempo, as espécies arbóreas foram crescendo, formando grandes áreas sombreadas, impedindo o crescimento de algumas espécies existentes, no caso os ciprestres em topiaria. Além dessas espécies que foram se extinguindo, as espécies arbóreas também chegaram ao seu clímax, sendo substituídas por outras espécies que foram sendo plantadas aleatoriamente (Vide Prancha 08). Atualmente a vegetação se encontra bem densa em alguns pontos, com a presença de algumas forrações, arbustivas e arvoretas.

As entrevistas com a comunidade demonstraram que a situação da praça atual contempla as atividades e usos desenvolvidos em seu interior. As reclamações estão voltadas a falta de manutenção dos equipamentos públicos, bancos e iluminação, e também pela falta de atenção em relação à poda das espécies arbustivas e arbóreas.

Em função da pesquisa realizada, seria interessante que a revitalização da praça mantivesse o projeto original incorporando alguns elementos acrescentados no decorrer do tempo, bem como atender alguns dos problemas apontados pelos usuários. As alterações realizadas no desenho original da praça – os acessos transversais e um longitudinal (vide fig. 49) podem ser mantidos, já que a população se utiliza dessas passagens para transpor o espaço, e as mesmas não alteraram substancialmente a concepção da praça.

Existe a necessidade de alguns pontos de iluminação para evidenciar pontos importantes da praça, como o coreto, a fonte do “Manequinho” e o monumento da águia, e também a utilização de uma iluminação ao nível do pedestre, para iluminar melhor os caminhos internos e realçar as vegetações dispostas nos canteiros. Recomenda-se que a iluminação dos caminhos siga, naturalmente, o padrão das luminárias antigas, existentes desde a época da formação da praça.

Outra questão se refere à necessidade de padronização e adequação de lixeiras (fig. 50 e 51). Seria interessante também a introdução de placas explicativas, contando a história da Praça da República (fig. 52), e também, placas identificando a vegetação arbórea original, além das que forem ser utilizadas no projeto paisagístico a ser elaborado (fig.53).



Figura 50: Lixeiras encontradas na Praça da República
Fonte: Foto de Giovanna Carraro Maia Machado de 2009

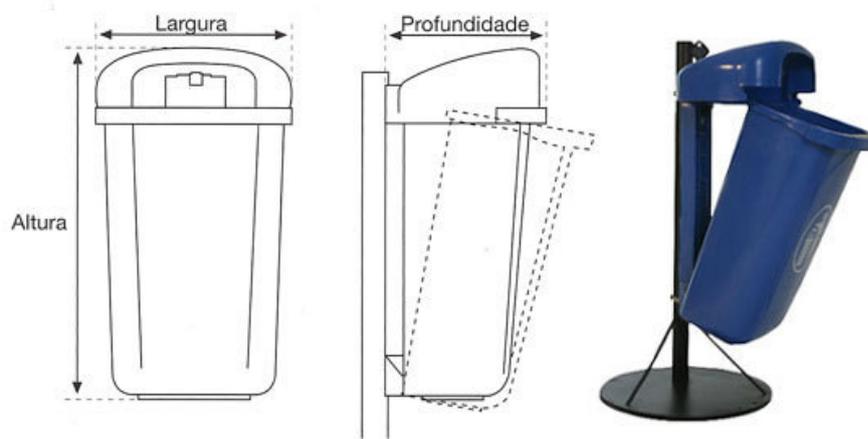


Figura 50: Um exemplo de lixeira de material reciclado utilizado para espaços abertos.

Fonte: Disponível em < www.galvoata.com.br > Acessado em: 13/10/2009.

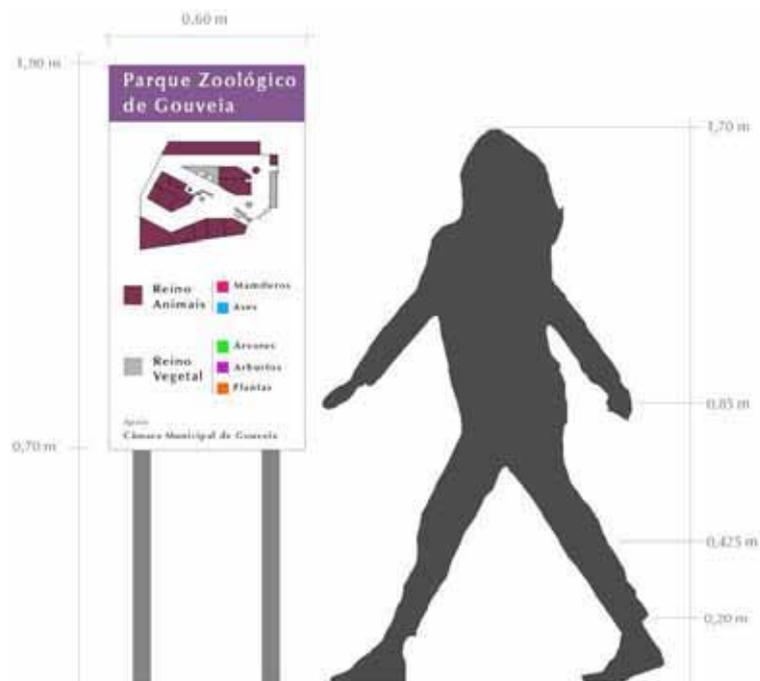


Figura 52: Exemplo de placa explicativa, que poderia ser utilizado na Praça da República.

Fonte: Disponível em < <http://verachavesatelierdedesign.blogspot.com/> > Acessado em: 13/10/2009.



Figura 53: Exemplo de placa explicativa, que poderia ser utilizado para a identificação das espécies vegetais.
Fonte: Disponível em < <http://verachavesatelierdedesign.blogspot.com/>> Acessado em: 13/10/2009.

Além desses elementos informativos, que poderão estar presentes em todos os pontos da praça da república, as restaurações em relação ao coreto, fonte do “Manequinho” e aos sanitários, são necessárias já que todos estes se encontram em condições inadequadas de uso.

O piso presente nos dias atuais é o mesmo implantado no projeto original, de ladrilho hidráulico. Em alguns pontos este se encontra danificado, necessitando de substituição (fig. 54).



Figura 56: Piso hidráulico.

Fonte: Foto de Giovanna Carraro Maia Machado de 2009.

E por fim, a questão das espécies vegetais presentes na praça. Na prancha 08, é possível identificar que poucas espécies vegetais arbóreas do repertório original se encontram nos dias atuais. Mas a retirada de todas as árvores que não fazem parte do repertório vegetal original seria uma alteração muito drástica na paisagem da Praça da República, e geraria um grande impacto na comunidade jauense. Por este motivo, recomenda-se a substituição gradual das árvores, através de um Plano de Manejo para substituição das árvores mortas com o intuito de recompor todo o repertório original ao longo do tempo.

Já as espécies arbustivas, que não fazem parte do repertório original da praça, mas que estão presentes no espaço, necessitam de um estudo mais detalhado. Há espécies para os canteiros assombreados, que não se encontram em pleno desenvolvimento, como, por exemplo, os pingos de ouro e azaléias, que necessitam de sol para seu perfeito crescimento e florescência (fig. 55). A substituição dessas espécies por outras mais adequadas para os locais assombreados proporcionará um aspecto de mais graciosidade nesses canteiros. Algumas espécies⁵⁴ como zebrinas, marantas, singônios, que estão presentes no interior da Praça da República, são adequadas para meia-sombra e encontram-se em perfeito desenvolvimento (fig. 56). Podem, portanto, ser trabalhadas em um projeto paisagístico que as contemple de forma mais harmônica no conjunto da praça.



Figura 55: Imagens do pingo de ouro. Nota-se as falhas em seu crescimento devido a ausência do sol.

Fonte: Foto de Giovanna Carraro Maia Machado de 2009.

⁵⁴ Algumas dessas espécies já estão presentes no repertório vegetal da Praça da República.



Figura 56: Imagens de um maciço de marantas e de singônios no interior da Praça da República.

Fonte: Foto de Giovanna Carraro Maia Machado de 2009.

É importante o estudo adequado das espécies arbustivas e de forração, pois seria impossível recolocar a grama e os cipestres em topiaria tal qual o projeto original (Prancha 04), pois o sombreamento das espécies arbóreas impossibilita o desenvolvimento da grama e dos cipestres. O presente trabalho não adentrou na questão projetual pois além de fugir do escopo do trabalho, demandaria um estudo detalhado das espécies mais indicadas a ser trabalhadas em conjunto com algumas que se encontram em situação compatível com o sombreamento das copas (a exemplo das marantas e singônios), da garantia de visuais, de um plano de manejo, enfim, um projeto executivo tal qual é solicitado nas recomendações do IPHAN.

Com estas considerações e recomendações apresentadas, somadas a pesquisa histórica e os levantamentos realizados para subsidiar o inventariamento da Praça da República, esperamos que este trabalho possa contribuir para o encaminhamento de ações concretas de proteção desta praça como patrimônio cultural.

7. Lista de figuras por capítulos

7. Lista de figuras

Capítulo 1 – Revisão Bibliográfica

Figura 01: Passeio Público do Mestre Valentim, século XVIII.

Figura 02: Passeio Público de Auguste Glaziou François Marie, no século XIX

Figura 03: Praça Euclides da Cunha, nanquim sobre papel, 1935.

Figura 04 e 05: Na esquerda, observa-se o mapa do Patrimônio Original da Cidade de Marília, com a área em vermelho demarcando a Praça Maria Izabel. Na direita, o Cartão Postal de Marília – Praça Maria Izabel ou Jardim São Bento – década de 60.

Figura 06 e 07: Na esquerda, observa-se o mapa do Patrimônio Original da Cidade de Tupã, com a área em vermelho demarcando a praça. Na direita, a Praça da Bandeira, onde em seu interior se encontra a Igreja Matriz; ao fundo o Hotel tamoios,, do lado direito o Cine Tupã; do lado esquerdo a Escola Municipal; e logo abaixo (onde a foto está cortada) situa-se a Câmara e Prefeitura Municipal – foto aérea de 1955.

Capítulo 2 – Cidade de Jahu

Figura 08: Mapa de expansão urbana da cidade de Jahu – hachura em marrom – formação inicial do patrimônio; hachura em bege – expansão do patrimonio até 1890 e a hachura em cinza – expansão do patrimônio de 1890-1901 – Mapa de 2004. Na área A (hachura marrom e bege) considerada como patrimônio original da cidade de Jahu, na área B (hachura cinza), considerada como expansão do núcleo original.

Figura 09: Corredor Histórico-Cultural de Jaú. Na seqüência os números equivalem: 1-Residência; 2-Praça da República; 3-Arquitetura e Casarões; 4-Enchentes do Rio Jaú; 5-Casa da Cultura; 6-Banco Real; 7-Escola Major Prado; 8-Delegacia de Ensino; 9-Mercado Municipal; 10-Associação Dante Alighieri; 11-Praça Jorge Tibiriçá; 12-Santa Casa de Misericórdia de Jaú; 13-Delegacia de Polícia; 14-Espaço Pedagógico; 16-Estação Rodoviária; 17 e 18-Paço Municipal e Praça Barão do Rio Branco; 19-Escola Dr. Pádula

Salles; 20-Antiga Residência de Edgard Ferraz; 21-Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio; 22-Praça Siqueira Campos; 23-Casa Paroquial; 24-Antigo Banco Francês Italiano; 25-Hotel Jaú; 26-Jahu Clube; 27-Palacete Peccioli; 28-Antigo Banco Melhoramentos.

Figura 10: Mapa do centro histórico de Jahu, hachurado em vermelho – Mapa de 2004

Figura 11: Foco da imagem no início da formação da cidade de Jahu de 1888.

Figura 12: Mapas com as ferrovias da estrada de ferro Douradense e de Rio Claro.

Figura 13 – 1 Praça Barão do Rio Branco, 2 – Praça do Largo da Matriz, 3 – Praça Siqueira Campos e 4 – Praça da República.

Figura 14: Projeto da Praça Barão do Rio Branco.

Figura 15: Igreja Matriz em primeiro plano e o Paço Municipal ao fundo, foto datada de 1911.

Figura 16: Vista da frente da Praça Barão do Rio Branco, ao fundo o Paço Municipal, 1920

Figura 17: Detalhe do jardim da Praça Barão do Rio Branco 1957.

Figura 18: Vista Aérea da Prefeitura Municipal de Jahu.

Figura 19: Planta Original da Praça Siqueira Campos

Figura 20: Em primeiro plano a Praça Siqueira Campos e ao fundo a Igreja Matriz Nossa senhora do Patrocínio

Figura 21: Em primeiro plano a Praça Siqueira Campos e ao fundo a Igreja Matriz Nossa senhora do Patrocínio.

Figura 22: Na frente da Igreja Matriz observa-se a Praça Siqueira Campos Modifica já no ano de 1957.

Figura 23: Observa-se na frente da Igreja Matriz as áreas ajardinadas – foto de 1920.

Figura 24: Parte arborizada na lateral da Igreja Matriz – foto de 1957.

Figura 25: Teatro Municipal – foto de 1911.

Figura 25: Teatro Municipal – foto de 1911.

Figura 26: Planta Original do Jardim do largo do Theatro ou Praça da República.

Figura 27: Perspectiva da Praça da República – Década de 1950.

Figura 28: Chafariz da Praça da República

Figura 29: Perspectiva da Praça da República – Década de 1950.

Figura 30: Vista da Praça da República – Década de 1920.

Figura 31: Planta Original do Parque Jorge Tibiriçá.

Figura 32: Parquinho da Praça Jorge Tibiriçá de 1994.

Figura 33: Lago da Praça Jorge Tibiriçá e ao fundo a Delegacia Municipal.

Capítulo 4 – Justificativa da praça escolhida para inventário: Praça da República

Figura 34: Foto de 1996, iluminação de Natal.

Figura 35: Foto de 2003, com iluminação de natal no coreto.

Figura 36: Feira de Artesanato realizado todos os sábados de manhã.

Figura 37: Pula-pula próximo ao coreto.

Figura 38: Área de permanência e passagem nos períodos do dia.

Figura 39: Área de permanência e passagem nos períodos do dia.

Figura 40: Áreas das Atividades na Praça da República.

Figura 41: Chafariz com a estátua do “Manequinho”.

Capítulo 5 – Inventário da Praça da República

Figura 42: Banco de ferro, próximo ao chafariz.

Figura 43: Lixeiras existentes na Praça da República.

Figura 44: Bancos da praça na seqüência: Banco de cimento e granilite, Banco de ferro e Banco de cimento.

Figura 45: No período noturno essas áreas ficam bem mais sombrias, devido a falta de poda e de uma melhor iluminação.

Figura 46: Canteiro com a grama danificada e sujeira dos canteiros no piso.

Figura 47: No coreto observa-se que a parte da cobertura e parte elétrica está em condições precárias.

Capítulo 6 – Considerações para a revitalização da Praça da República baseado na pesquisa realizada

Figura 48: Desenho original da Praça da República - 1910

Figura 49: Em destaque (marrom) os acessos abertos, desenho da Praça da República nos dias atuais.

Figura 50: Lixeiras encontradas na Praça da República

Figura 50: Um exemplo de lixeira de material reciclado utilizado para espaços abertos.

Figura 52: Exemplo de placa explicativa, que poderia ser utilizado na Praça da República.

Figura 53: Exemplo de placa explicativa, que poderia ser utilizado para a identificação das espécies vegetais.

Figura 56: Piso hidráulico.

Figura 55: Imagens do pingo de ouro. Nota-se as falhas em seu crescimento devido a ausência do sol.

Figura 56: Imagens de um maciço de marantas e de singônios no interior da Praça da República.

8. Referências Bibliográficas

8. Referências Bibliográficas

- BRASIL. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. **IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, 30 maio 1937. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>> Acessado em: 1 abril 2009.
- BRASIL. Carta de Veneza, de 25 a 31 de maio de 1964. **IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, 31 de maio de 1964. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>> Acessado em: 1 abril 2009.
- BRASIL. Carta de Florença, de 21 de maio de 1981. **IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, 21 de maio de 1981. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>> Acessado em: 1 abril 2009.
- CARNEIRO, Ana Rita Sá, PESSOA, Ana Cláudia. Burle Marx nas praças do Recife (1). **Vitruvius**, São Paulo, nov. 2003. Seção Arquitetos. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq042/arq042_03.asp> Acessado em: 9 abril 2009.
- DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Manual de Intervenção em Jardins Históricos**. Monumenta. Disponível em: <www.cultura.gov.br>. Acessado em: 27 mar. 2009, 22:36.
- FICHA integral de inventário para ser revisada e aprovada na próxima reunião**. ICOMOS. Disponível em: <http://www.icomos.org/landscaoes/ficha_inventario.htm#>. Acessado em: 27 mar. 2009, 22:50.
- GASPAROTTO, Ana Beatriz. **Praças e Jardins do Oeste Paulista. Configuração e reconfiguração do espaço público com a introdução da ferrovia – linha Noroeste**. Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, 2007.
- LEITURAS PAISAGÍSTICAS**. Coletânea de artigos. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ. n. 1. 2006.
- MACHADO, Giovanna Carraro Maia. **Praças e Jardins do Oeste Paulista. Configuração e reconfiguração do espaço público com a introdução da ferrovia – linha Alta Paulista**. Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, 2007.

MACHADO, Giovanna Carraro Maia. **Dierberger Arquitectura Paisagística Ltda. – Ensaio de Catalogação**. Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, 2009.

MACHADO, Giovanna Carraro Maia; ENOKIBARA, Marta. Praças e jardins do oeste paulista. Documentação do patrimônio original da cidade de Tupã. In: **3º Seminário de Paisagismo Sul-Americano**. Interfaces entre Tempo e Espaço na Construção da Paisagem Sul-Americana. Coleção Paisagens Culturais. Vol. 02. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2008.

ENOKIBARA, Marta. Praças e Jardins do Oeste Paulista. A formação e transformação do espaço público com a introdução da ferrovia. In: **2º Congresso Internacional de História Urbana. Da construção do território ao planejamento das cidades: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas (1850-1930)**. Sessão Temática 1 – O território: conhecimento e organização. Campinas: PUCCAMP, 2009.

ENOKIBARA, Marta. Gardens and Squares in the West of the State of São Paulo: The role of the technical and institutional devices of the Republicans in the shaping and reshaping of the public spatial arrangement, in Thematic Table intitulated "Technical and scientific knowledge in the formation and development of urban spaces - state of São Paulo: 19th and 20th centuries". In: **13th International Planning History Society. Public Versus Private Planning: Themes, Trends and Tensions**. Chicago: Erin Cunningham & Charlotte Winters, 2008, p.59-60.

ENOKIBARA, Marta. Plazas y Jardines del Oeste Paulista: un patrimonio a ser preservado en Brasil. In: **Anales del IX Congreso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico**. Sevilla: Centro Internacional para la Conservación del Patrimonio, 2008, p. 227-232.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de; BOTELHO, Norma; RAZUK, Leila. **Material Organizado sobre as origens do Município de Jahu**. São Paulo: Biblioteca Municipal de Jaú, s/d.

RETTO JR, Adalberto da Silva; ENOKIBARA, Marta; CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. **Saberes técnicos e teóricos na configuração e re-configuração das cidades formadas com a abertura de zonas pioneiras no oeste do estado de São Paulo**. Sessão Temática. In: Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Recife: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2008, p. 1-23. ISBN: 9788598747071.

SANTOS, Aline Silva. **Praças e Jardins do Oeste Paulista. Configuração e reconfiguração do espaço público com a introdução da ferrovia – linha Alta**

Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu

Araraquarense. Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, 2007.

SIMABUKO, Rafael Tadeu. **Praças e Jardins do Oeste Paulista. Configuração e reconfiguração do espaço público com a introdução da ferrovia – linha Alta Sorocabana.** Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, 2007.

ZECHINATO, Bruna Panigassi. **O Instituto Agrônomo do Estado e o repertório vegetal nas cidades do oeste paulista no início do século XX.** Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara. Relatório Parcial de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, 2007

ANEXOS

1. Resumo das atividades desenvolvidas

O primeiro levantamento realizado, no dia 13 de março de 2009, ocorreu na Prefeitura Municipal de Jahu, na Secretaria de Planejamento e Obras, com o intuito de obter as primeiras informações referentes à organização do município e também dados sobre o patrimônio original da cidade. Este primeiro contato proporcionou a identificação da malha urbana de Jahu, juntamente com seus respectivos espaços públicos históricos, direcionando os levantamentos seguintes.

No dia 27 de abril de 2009 realizou-se o segundo levantamento no Museu Municipal de Jahu, com o objetivo de levantar dados sobre as praças do patrimônio original do município e também o levantamento de fotos antigas, disponibilizadas no acervo fotográfico.

Após este contato, o próximo levantamento, realizado no dia 14 de maio de 2009, concentrou-se no Colégio e Faculdades Integradas “Fundação Educacional Dr. Raul Bauab de Jahu”, no Centro de Documentação – CEDOC. Neste setor da faculdade concentram-se todas as formas de documentos pertinentes à história de Jahu e também o “Arquivo Permanente” da própria instituição.

Outras fontes de pesquisadas utilizadas foram os órgãos: ICOMOS (International Council on Monuments and Sites) órgão internacional e nacional, que disponibiliza normas e legislação para tombamentos de patrimônios paisagísticos em ter outras espécies de tombamentos; o IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) órgão Federal, que disponibiliza material para tombamentos e fiscaliza as atividades desenvolvidas em todo território nacional, o CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) órgão estadual que organiza e autoriza todos os tombamentos em âmbito estadual, proporcionando apoio para o tombamento e possíveis distribuições de verbas para manutenção e conservação dos monumentos históricos.

2. Detalhamento das atividades desenvolvidas

2.1. Relatório do 1º Levantamento – Prefeitura Municipal de Jahu

O primeiro contato realizado na Prefeitura Municipal de Jahu foi no dia 13 de março de 2009, através dos funcionários da Secretaria de Planejamento e Obras, Linneu Tamanini Machado e Deubles de Cássio Bachiega Simões, ambos Desenhistas Projetistas da seção. Foram entregues os mapas referentes a Evolução Urbana, Mapa do Patrimônio de Jahu e o Plano Diretor de 1970, e também documentos referentes ao patrimônio histórico da cidade.

Além desses materiais foram fornecidos pelo Departamento do Meio Ambiente Recursos Naturais, pelo funcionário Fabiano....., mapas referentes ao cadastramento da espécies arbóreas e arbustivas da Praça da República, juntamente com alguns equipamentos públicos.

2.1.1. Relação do Material Levantado – Prefeitura Municipal de Jahu

A) Mapas

DIAS, Antonio Carlos Ferreira. **Levantamento Paisagístico da Praça da República**. Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, s/d. 1 mapa, preto e branco. Escala 1:200. 1 folha.

FALCÃO, Helládio de Arruda. **Planta de Estudo de Estacionamento para Autos – Praça da República**. Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, maio 1971. 1 mapa, preto e branco. Escala 1:500. 1 folha.

LEONELLI, Gisela Cunha Viana. **Mapa 01 Evolução Urbana Jaú**. PDDI 70 – Processo de Aprovação de Loteamentos SPO-PMJ. Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, jan. 2003. 1 mapa, color. Sem escala. Arquivo em PDF.

LEONELLI, Gisela Cunha Viana. **Mapa 13 Evolução do Perímetro Urbano-Jaú**. Leis de Município. Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, dez. 2002. 1 mapa, color. Sem escala. Arquivo em PDF.

Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu

LEONELLI, Gisela Cunha Viana. **Mapa 15 Plano Piloto 1959 Macrozoneamento-Jaú.** PDDI 1970. Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, dez. 2002. 1 mapa, color. Sem escala. Arquivo PDF.

LEONELLI, Gisela Cunha Viana. **Mapa 16 PDDI 1970-Possibilidade de Expansão Urbana-Jaú .** PDDI 1970. Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, dez. 2002. 1 mapa, color. Sem escala. Arquivo em PDF.

SIMÕES, Deubles Bachiega. **Mapa do Centro Histórico de Jahu.** Secretaria de Planejamento de Obras. Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, jun. 2004. 1 mapa, color. Sem escala. Arquivo em PDF.

NETO, Hugo Moneratto; MARANGONI, José Carlos. Planta **para Estudo de Iluminação Pública.** Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, jan. 1982. 1 mapa, preto e branco. Escala 1:200. 1 folha.

B) Arquivo Digital

JAHU, Lei Complementar nº 277, de 10 de outubro de 2006. **Prefeitura Municipal de Jahu**, Jahu, SP, 10 out. 2006. Arquivo em PDF

2.2. Relatório do 2º Levantamento – Museu Municipal de Jahu

No dia 27 de abril de 2009, foi realizada a pesquisa no Museu Municipal de Jahu com o objeto de levantar os mapas, fotos e artigos de jornal referente às praças municipais. Os materiais, todos originais, foram disponibilizados para reprodução, cujos esses foram fotografados.

2.2.1. Relação do Material Levantado – Museu Municipal de Jahu

A) Mapas

S. A. **Planta Baixa da Cidade de Jahu.** Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, s/d. 1 Planta Arquitetônica, cópia heliográfica. Sem escala. 1 folha.

S.A. **Ajardinamento Largo de São Sebastião**. Jahu. Museu Municipal de Jahu, 1932. 1 Planta Arquitetônica, original à lápis. Sem escala. 1 folha.

SILVA, João Ribeiro. **Parque Jorge Tebiryçá**. Jahu. s/d. 1 Planta Arquitetônica, original colorido. Escala 1:500. 1 folha.

SILVA, João Ribeiro. **Projecto de Modificação do Jardim Público**. Jahu. Museu Municipal de Jahu, jun. 1910. 1 Mapa, original colorido. Escala 1:200. 1 folha.

SILVA, João Ribeiro. **Jardim do Largo do Theatro**. Jahu. Prefeitura Municipal de Jahu, dez. 1910. 1 Planta Arquitetônica, original colorido. Escala 1:500. 1 folha.

B) Livro

BAUMANN, Ana Paula. **Praça Siqueira Campos de Jaú. Origens e Desdobramentos**. Jahu, SP: 1999. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Departamento de História das Faculdades Integradas de Jahu.

C) Jornal

NOSSAS Praças. **Comércio do Jahu**. Complemento Especial. Jahu, 14 agost. 1994.

D) Acervo Fotográfico

O acervo fotográfico referente às praças e seus entorno foram fotografadas e serão apresentadas ao longo deste trabalho.

2.3. Relatório do 3º Levantamento – Fundação Educacional “Dr. Raul Bauab”

No levantamento realizado no Departamento Histórico da Fundação Educacional “Raul Bauab” – CEDOC (Centro de Documentação) concentrou-se em informações referentes à história da fundação e desenvolvimento do município. Além de

Inventário dos jardins de valor histórico da cidade de Jahu

livros e documentos históricos, foi possível ter acesso ao acervo fotográfico do departamento, identificando fotos aéreas de 1888, do início da formação central da cidade.

2.1.1. Relação do Material Levantado – Prefeitura Municipal de Jahu

A) Mapas

PRADO, Henrique Pacheco de Almeida. **O Sertão do Jahu na Freguesia de N. S. de Brotas, em fins de 1858**. Jahu, jun. 1993. 1 Mapa, cópia heliográfica. Escala 1:50.000. 1 folha.

B) Livros

CLARO, Waldo. **Jaú a semente e a terra**. Jahu, Comércio do Jahu, fev. 1998. p. 80.

LEVORATO, Adão Valdemir. **O Jahu Encontros, Cantos e Encantos**. Jahu, Graf Set Ltda, 2003, p. 333.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **Faces da dominação da terra (Jaú 1890-1910)**. Marília, Unesp-Marília-Publicações, 1999. p. 171.

SANTOS, Ivan Cláudio Domingues; FELTRIN, João Jair Jr. **Jahu Retratos de uma Época 1900-1929**. Jahu, s/d.

TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. Jahu, Edição Correio de Jaú, 1900. p. 135.